



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO



4.º BIMESTRE - 2014

LP8

GINÁSIO CARIOCA

ESCOLA MUNICIPAL: _____

NOME: _____ TURMA: _____

EDUARDO PAES

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

REGINA HELENA DINIZ BOMENY

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

JUREMA HOLPERIN

SUBSECRETARIA DE ENSINO

MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS

VASCONCELLOS

COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

MARIA DE FÁTIMA CUNHA

COORDENADORIA TÉCNICA

WELINGTON MARTINS MACHADO

ORGANIZAÇÃO E ELABORAÇÃO

CATHARINA HARRIET SOARES BAPTISTA

LEILA CUNHA DE OLIVEIRA

REVISÃO

FÁBIO DA SILVA

MARCELO ALVES COELHO JÚNIOR

DESIGN GRÁFICO

EDIOURO GRÁFICA E EDITORA LTDA.

IMPRESSÃO

A vida é amiga da arte É a parte que o sol me ensinou

(Caetano Veloso, em FORÇA ESTRANHA.)



golanouro.com

elaeamericana.net

Contatos CED: ginamor@rioeduca.net
leilac.oliveira@rioeduca.net
nazareth@rioeduca.net

Telefones: 2976-2301 / 2976-2302

**A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou**

(Caetano Veloso, em FORÇA ESTRANHA.)

**Caros Alunos,
Caras Alunas,**

Este é o caderno do último bimestre de 2014, colocado à sua disposição para, junto com seu Professor, apoiá-los no desenvolvimento da capacidade de leitura e de produção escrita.

Neste último caderno de 2014, vocês vão poder rever e desenvolver um pouco mais algumas habilidades de leitura consideradas importantes para a compreensão crítica do que você lê. Vão, também, poder aprofundar conhecimentos sobre a estrutura de diferentes gêneros textuais, com atenção especial para a estrutura do texto escrito para TEATRO.

Ajudá-los a consolidar conhecimentos, a apropriar-se de novos e relevantes conceitos e a exercitar e desenvolver habilidades necessárias à leitura crítica e à produção de seus próprios textos é o objetivo deste material de apoio.

MULTIRIO



Que sejamos todos bem-sucedidos!

MULTIRIO



Reverendo uma habilidade de leitura... Linguagem verbal e linguagem não verbal

As mensagens se organizam com diferentes elementos de linguagem. Faz-se uso de **linguagem verbal** ou de **linguagem não verbal** e, muitas vezes, misturam-se as duas linguagens (**linguagem mista**). O importante é perceber que, para ler os textos, entender suas mensagens e interagir com elas, precisamos observar atentamente como nelas os elementos se combinam, como se conectam (**coesão textual**) para alcançar o entendimento do que se quis dizer (**coerência textual**), ou seja, o sentido completo do texto.



QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Observe com atenção alguns elementos verbais e não verbais que aparecem na sequência dos quadinhos acima. Perceba como eles se combinam para contar, com coerência, mais essa pequena história da Mafalda. ATENÇÃO: Nos balões, a parte que aponta para o personagem que está se expressando é chamada de **RABICHO** ou apontador.

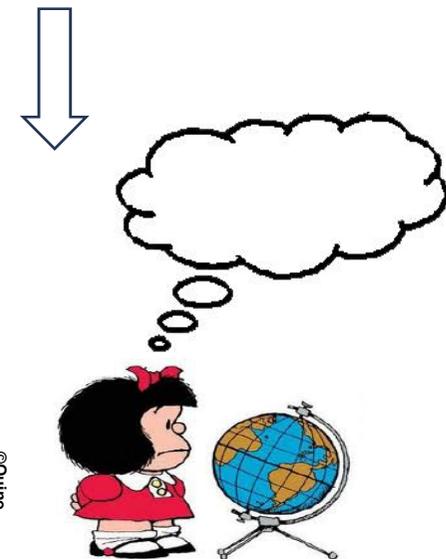
Linguagem verbal e linguagem não verbal



QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- **O relógio** – Observe que, no 5.º quadrinho, aparece o desenho de um relógio. Que função tem essa imagem na história narrada?
- **A cor** – Observe a mudança na cor de fundo dos dois últimos quadrinhos. Essa mudança tem a função de indicar o quê?
- **O desenho dos três olhos que se abrem, no último quadrinho** – Observe que, no quadrinho anterior, a luz foi apagada e só aparece a imagem do relógio. Portanto, o pai e a mãe de Mafalda estão de olhos fechados, talvez já dormindo. Observe, ainda, a posição do pai, no 3.º quadrinho, deitado de lado, com apenas um dos olhos à mostra. Que função têm, então, os desenhos dos três olhinhos abertos, na escuridão do último quadrinho?
- **Os balões de fala** – Nas histórias em quadrinhos, os balões têm a função de indicar o discurso direto – falas ou pensamentos dos personagens. Observe o desenho dos balões que indicam falas da Mafalda dirigidas ao pai. Que função têm os **rabichos** indicativos dos balões, apontando para fora dos quadrinhos?

Observe, agora, entre outros elementos do desenho abaixo, a expressão fisionômica da Mafalda ao olhar para o globo terrestre. No que estará pensando a Mafalda? Imagine e escreva no balão. (Lembre-se do espírito crítico que caracteriza a personagem!)



Texto I – No texto abaixo, em **linguagem verbal**, narra-se o diálogo entre duas pessoas que observam, descrevem e comentam uma fotografia. Leia, com atenção.

UMA HISTÓRIA DO SÉCULO XX (Gonçalo M. Tavares)

Fotografia 5

- Trata-se de puxar.
- Tens aqui tudo. O século resumido. Uma síntese.
- Trata-se de puxar uma coisa que está fora do seu elemento normal. Puxar um barco em plena terra, em plena aldeia.
- E há uma dificuldade acrescida: as paredes da rua por onde tem de passar o barco estão demasiado próximas. Repara.
- Deves continuar a puxar. Há mais algum conselho que se possa dar a quem ainda está vivo? Deves continuar a puxar, eis tudo.
- Se tiveres sorte, puxas juntamente com a tua família. Com uma outra pessoa. Senão, puxas sozinho.
- Mas a questão é que não há água nas proximidades. É o que parece pela fotografia. As pessoas puxam um barco pelas ruas de uma aldeia, mas sem objetivo. Não há água.
- Tiraram toda a água do século XX, mas aqui ninguém sabia.
- Continuaram a puxar o barco.
- Devemos fazer o mesmo.
- Sim, é a melhor opção.

TAVARES. Gonçalo M. O Globo. Caderno Prosa e Verso, jun 2013.

Texto II – O texto abaixo, em **linguagem não verbal**, é a fotografia de uma cena. Observe a imagem.



Fotografia de John Stanmeyer, disponível em <http://www.jornaldafotografia.com.br>

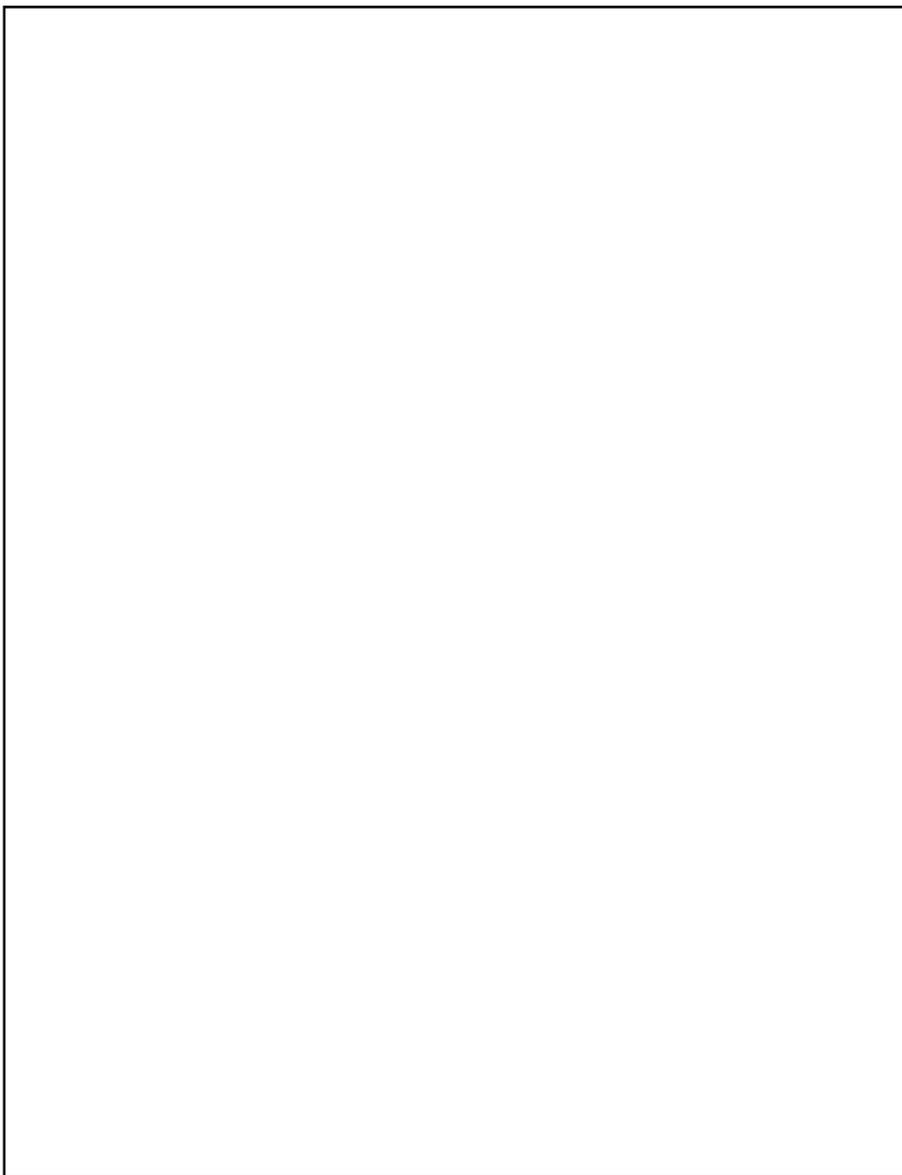
Leia, com atenção! Observe bem os dois textos. Na página seguinte, você vai, a partir de cada um deles, exercitar a habilidade de leitura e de produção de texto em linguagem verbal e em linguagem não verbal.



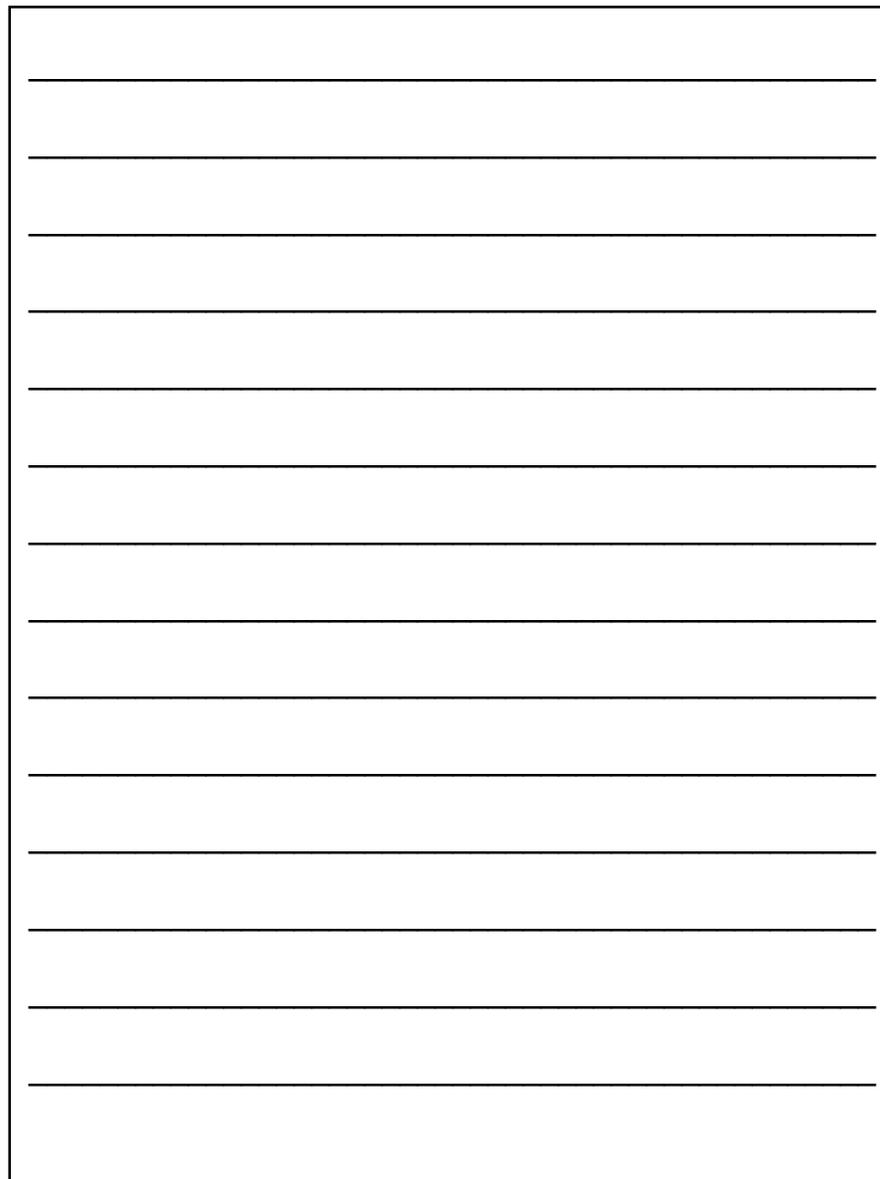
quino.com.ar

Exercitando...

1. No quadro abaixo, você vai desenhar a imagem descrita no diálogo no **Texto I**.



2. No quadro abaixo, você vai descrever e comentar a imagem observada na fotografia do **Texto II**.





A imaginação e a arte das palavras

Não há arte sem imaginação ou sem que o vivido seja pensado, sentido com a imaginação, de maneira a exprimir-se artisticamente e ser transformado em arte.

O resultado dessa transformação é o objeto artístico: um poema, um conto, uma pintura, uma canção, por exemplo.

Parece um pouco complicado, não é? A seguir, você vai ler textos que vão ajudá-lo a entender melhor a ideia desses “fingimentos” artísticos.

Observe, no texto abaixo, como a voz poética representa a força de transformação que há na imaginação.

A imaginação

A imaginação não é uma questão de habilidade. É mais uma questão de levantar as coisas do seu lugar e ver o que elas escondem embaixo. Como se faz a uma pedra.

Se levatares uma pedra pesada do jardim, verás que debaixo dela está um pedaço de terreno de cor diferente da relva restante do jardim. Mais esbranquiçada, com ar mais doente: o sol não passou por ali.

A imaginação? A imaginação é o sol também passar por ali.

(Levanta a pedra, meu caro, faz um esforço.)

TAVARES, Gonçalo M. *Biblioteca*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.



elaamericana.net



O texto começa dizendo o que a imaginação **não é**, do que ela **não** depende. Dizer que a imaginação não depende de habilidade significa que ela não depende de aprender uma técnica, de um saber fazer, mas de desenvolver uma sensibilidade, uma capacidade de **ver além do que se mostra**.

1. Que trecho do 1.º parágrafo justifica dizer que imaginação é a capacidade de ver além do que se mostra?

2. No 2.º e no 3.º parágrafos, a imaginação e a falta de imaginação são pensadas através da imagem de uma pedra pesada que impede a passagem do sol, da luminosidade necessária ao frescor da relva do jardim, necessária à vida. De acordo com o texto, associe os elementos do quadro abaixo à **IMAGINAÇÃO** ou à **FALTA DE IMAGINAÇÃO**.

Luminosidade do sol: _____
Fraqueza, pouco vigor: _____
Vivacidade, frescor: _____
Escurecimento: _____
Beleza: _____

3. No último parágrafo, o eu do texto usa o recurso dos parênteses para dirigir a alguém um conselho.

a) A quem o eu do texto se dirige no último parágrafo? _____

b) Relacionando a imagem da pedra à força da imaginação criativa, o que ele aconselha?

Leia, a seguir, uma letra de canção, um belo samba de Dona Ivone Lara, que tem como **TEMA (assunto principal)** o sol e a imaginação tratados como força de vida e fonte de criação. Leia.

Força da imaginação

Composição de Dona Ivone Lara



Força da imaginação, vai lá
Além dos pés e do chão, chega lá
O que a mão ainda não toca
Coração um dia alcança
Força da imaginação, vai lá

Quando um poeta compõe mais um samba
Ele funda outra cidade
Lamentando a sua dor ele faz felicidade
Força da imaginação
Na forma da melodia
Não escurece a razão
Ilumina o dia a dia

Força da imaginação, vai lá
além dos pés e do chão, chega lá,
o que a mão ainda não toca
Coração um dia alcança
Força da imaginação, vai lá

Quando uma escola traz de lá do morro
O que no asfalto nem é sonho
Atravessa o coração um entusiasmo medonho
Força da imaginação
Se espalhando na avenida
Não pra animar a fraqueza
Mas pra dar mais vida à vida

Força da imaginação, vai lá
Além dos pés e do chão, chega lá
O que a mão ainda não toca
Coração um dia alcança
Força da imaginação, vai lá

Link para ouvir a canção:
<http://letras.mus.br/dona-ivone-lara/forca-da-imaginacao/#radio>

Observe que o **TÍTULO** do samba já expressa o **tema (assunto principal)** que o eu poético vai desenvolver na letra da canção.

Os **cinco versos iniciais**, que vão se repetir ao longo do samba, é o que, em uma canção, chamamos de **REFRÃO** ou estribilho (a parte com ritmo mais forte e que se repete em uma canção). A quem o eu poético se dirige (**interlocutor**), no refrão?

Observe a **1ª estrofe**. O eu poético fala dele mesmo (o poeta) e diz que a poesia de um samba pode mudar uma realidade, construir um melhor lugar de viver. Transcreva da estrofe um verso que expressa essa mudança.

No 1º verso da **2ª estrofe** (depois do refrão repetido), a que tipo de escola o eu poético se refere? _____

Leia toda a letra do samba e transcreva dela os versos que apresentam **ANTÍTESES** e relacionam a imaginação

a) **ao sol**: _____

b) **à vida**: _____



Fique atento

ANTÍTESE é uma **figura de linguagem** caracterizada pela apresentação de palavras de sentidos opostos, expressando ideias de oposição.

Força estranha

Composição de Caetano Veloso

Eu vi um menino correndo
eu vi o tempo brincando ao redor
do caminho daquele menino
eu pus os meus pés no riacho
e acho que nunca os tirei
o sol ainda brilha na estrada eu nunca passei



loli.com.br

Eu vi a mulher preparando outra pessoa
o tempo parou pra eu olhar para aquela barriga
A vida é amiga da arte
é a parte que o sol me ensinou
o sol que atravessa essa estrada que nunca passou

Por isso uma força me leva a cantar
por isso essa força estranha
por isso é que eu canto, não posso parar
por isso essa voz tamanha (Refrão)

Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista
o tempo não para e no entanto ele nunca envelhece
Aquele que conhece o jogo, do fogo das coisas que são
é o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão

Eu vi muitos homens brigando, ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta
e a coisa mais certa de todas as coisas
não vale um caminho sob o sol
e o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol

Por isso uma força me leva a cantar
por isso essa força estranha
por isso é que eu canto, não posso parar
por isso essa voz tamanha (Refrão)

O sol, como força de vida e como símbolo da capacidade humana de imaginar belezas e de criar uma nova e melhor forma de coexistência entre os seres, também serviu de tema a um famoso samba. "Juízo final", do saudoso Nelson Cavaquinho. Leia a primeira estrofe.

O sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
Do mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente



omc.cultura.gov.br

Nelson Cavaquinho

Link para ouvir a canção de Caetano Veloso:
<http://letras.mus.br/caetano-veloso/44727/>

Link para ouvir o samba de Nelson Cavaquinho
<http://letras.mus.br/clara-nunes/127964/>

Leia, a seguir, a **pérola de imaginação** que é esse pequeno conto de Carlos Drummond de Andrade.

As pérolas

Dentro do pacote de açúcar, Renata encontrou uma pérola. A pérola era evidentemente para Renata, que sempre desejou possuir um colar de pérolas, mas sua profissão de doceira não dava para isso.

– Agora vou esperar que cheguem as outras pérolas – disse Renata, confiante. E ativou a fabricação de doces, para esvaziar mais pacotes de açúcar.

Os clientes queixavam-se de que os doces de Renata estavam demasiado doces, e muitos devolviam as encomendas. Por que não aparecia outra pérola? Renata deixou de ser doceira qualificada, e ultimamente só fazia arroz-doce. Envelheceu.

A menina que provou o arroz-doce, aquele dia, quase já ia quebrando um dente, ao mastigar um pedaço encaroçado. O caroço era uma pérola. A mãe não quis devolvê-la a Renata, e disse:

– Quem sabe se não aparecerão outras, e eu farei com elas um colar de pérolas? Vou encomendar arroz-doce toda semana.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Rick e a girafa*. São Paulo: Ática, 2007.

Glossário: qualificada – competente.

ATENÇÃO! O caderno do bimestre passado é importante neste momento.

1. Você vai, agora, lembrar os elementos estruturais de um conto, preenchendo o quadro abaixo:

Elementos estruturais do conto “As pérolas”			PARÁGRAFO(S)
INTRODUÇÃO	SITUAÇÃO INICIAL		
DESENVOLVIMENTO	CONFLITO GERADOR		
	CLÍMAX		
CONCLUSÃO	DESFECHO		

2. Que trechos do 1º e do 2º parágrafos indicam que Renata acreditava no destino e na sorte?

3. De acordo com o 2º e o 3º parágrafos, o que fez os doces de Renata ficarem doces demais? Que consequências isso teve para a doceira Renata?

4. PRODUÇÃO DE TEXTO - Agora, imagine e escreva um parágrafo final que contenha as consequências que a atitude da mãe da menina teve para si mesma, para sua filha e para Renata.

O DISCURSO DIRETO E O DISCURSO INDIRETO – A FALA DO PERSONAGEM NA NARRATIVA

ATENÇÃO! Seu livro didático é importante neste momento.

Observe os trechos abaixo, retirados do conto “As pérolas”. ⇔ Observe como o narrador poderia apresentar essas falas:

“Os clientes queixavam-se de que os doces de Renata estavam demasiado doces (...)”
(DISCURSO INDIRETO – o narrador conta o que os clientes diziam.)



“Os clientes queixavam-se com Renata, dizendo: “Seus doces estão demasiado doces (...)”
(DISCURSO DIRETO - reproduz a fala dos personagens. Pode aparecer assim, entre aspas, ou com travessão.)

A mãe não quis devolvê-la a Renata, e disse:
– Quem sabe se não aparecerão outras, e eu farei com elas um colar de pérolas?
(DISCURSO DIRETO, com dois pontos e travessão)



A mãe não quis devolvê-la a Renata e disse que poderiam aparecer outras e faria com elas um colar de pérolas.
(DISCURSO INDIRETO - o narrador conta o que a mãe disse.)

Observe agora este curto trecho de um conto (*Passeio em família, de Marcelo Moutinho*) que tem pai e filho como personagens.

Ele me pediu desculpas, eu perdoei (...)

Leia, atentamente, e compare como se narraria a cena, com os personagens falando nas diferentes maneiras de discurso narrativo:

Discurso direto

O pai, meio sem graça, disse: “Desculpe-me, meu filho”. Eu respondi, sem muita firmeza: “Está perdoado, pai.”

ou

O pai falou, meio sem graça:
– Desculpe-me, meu filho.

Eu respondi, sem muita firmeza:

– Está perdoado, pai.

ou ainda

– Desculpe-me, filho – disse o velho, meio sem graça.
– Está perdoado, pai – respondi, sem muita firmeza.

Discurso indireto

O pai, meio sem graça, me pediu que o desculpasse e eu respondi, sem muita firmeza, que o perdoava.

ou

O velho, meio sem graça, me perguntou se eu o desculpava e eu lhe respondi, sem muita firmeza, que estava perdoado.

Pode ainda acontecer de aparecerem misturadas as duas formas de discurso, ocorrendo então o chamado

DISCURSO INDIRETO LIVRE

O pai, meio sem graça, era só me desculpe e eu, um está perdoado, sem muita firmeza.

Vamos exercitar?

1. Reescreva, mudando o discurso direto para discurso indireto e o discurso indireto para discurso direto.

Os viajantes e o machado

Dois amigos viajavam juntos. Um deles encontrou, caído na estrada, um valioso machado e o outro disse: “Que bom, amigo, nós encontramos um machado!”. O primeiro replicou que ele não dissesse “nós encontramos”, e sim “você encontrou”.

Pouco tempo depois, deram de frente com o bando daqueles que haviam perdido o machado. O amigo que estava com o machado começou a ser perseguido pelo bando e gritou para seu companheiro: “Estamos perdidos!”. Este, afastando-se, retrucou que ele não dissesse “estamos”, e sim “estou perdido”. (*Fábulas de Esopo*)

*Escritas ou contadas oralmente, muitas histórias saem do mundo da imaginação e ganham vida no mundo mágico e luminoso das narrativas de ficção. **O sol passa por elas!***

Você conhece aquela da história que nem enredo tinha? Ela é assim, leia!

Já era uma vez

Era uma vez uma história bem pobrezinha, tão pobrezinha que não tinha personagens, não tinha começo, não tinha meio, não tinha fim, nem enredo tinha. E para que serve uma história sem enredo?

A pobre da nossa história andava por aí pedindo:

– Um enredo, pelo amor de Deus!

Mas ninguém dá a mínima atenção a uma história sem enredo.

E a historinha sem enredo passava por grandes histórias, cada uma mais orgulhosa do seu enredo.

Uma era a história de um cavaleiro de armadura que atacava até moinhos de vento.

A historinha olhava e dizia:

– Puxa!, isso é que é enredo. Quem dera eu tivesse um enredo assim!

Outra era a história de um médico que virava monstro e de um monstro que virava médico. Tinha também a história de um rei que tinha uma tábua redonda. Todas as histórias tinham enredo, menos a nossa.

Um dia, nossa história decidiu, “vou sair pelo mundo e vou encontrar um enredo, custe o que custar”.

Assim, nossa história correu mundo, conheceu todos os lugares, viu cidades imensas, ouviu a queixa das pessoas, o som das trombetas e o barulho dos cascos dos cavalos do rei. Viu bandidos serem enforcados, foi presa, foi solta, foi presa de novo, fugiu.

Assim, os anos se passaram, e assim a nossa história voltou ao ponto de partida. Agora, já era uma velha história, uma história que os pescadores contavam nas noites de lua, as velhas contavam para as crianças dormir, e as pessoas sonhavam quando queriam esquecer da vida.

Um dia, nossa história estava para morrer. Então, ela reuniu em sua volta todas as pequenas anedotas da vizinhança, os episódios mínimos e as piadas sujas e disse:

– Meus amores, antes de partir tenho uma coisa muito importante para contar a vocês, que vão alegrar os homens, fazer as mulheres chorarem e apavorar as crianças.

Já era quase nada, quando conseguiu dizer:

– Era uma vez uma história bem pobrezinha, tão pobrezinha que não tinha personagens, não tinha começo, não tinha meio, não tinha fim, nem enredo ela tinha.

E morreu dizendo:

– Para que serve uma história sem enredo?

LEMINSKI, Paulo. *Gozo fabuloso*. São Paulo, DBA Artes Gráficas, 2004.

Aproveite para observar como o narrador representa a fala de seu personagem.

Viu qual é o destino das histórias que nem enredo têm, quando o sol passa por elas? Se você leu e imaginou, você viu!

1. Quem é a personagem principal em “Já era uma vez”?

2. O narrador qualifica a personagem como “uma história **bem pobrezinha**”. Que efeito de sentido tem o uso do vocábulo “**bem**” antes do diminutivo “**pobrezinha**” ?

3. No trecho “Era uma vez uma história bem pobrezinha, tão pobrezinha que não tinha personagens” ocorre uma relação de causa e consequência. Que expressão no trecho estabelece essa relação? _____

4. Qual era o maior desejo da personagem principal e que ela vivia pedindo aos outros que realizassem?

5. Que outros **elementos característicos da narrativa** o narrador diz que faltam à personagem, por ela ser “pobre, tão pobrezinha que... nem enredo tinha”?

6. Por que a história sem enredo encontra dificuldade de que alguém a ouça e atenda a seu pedido?

7. Qual a opinião da personagem sobre o enredo da primeira das “grandes histórias” que ela cita? Transcreva o trecho que justifica sua resposta.

É sempre bom lembrar...



Assim como na questão 7 temos uma **opinião** da personagem sobre um **fato** (o enredo de uma obra), na questão 2, quando o narrador qualifica a personagem como “uma história bem pobrezinha”, ele está emitindo uma opinião sobre um fato (a história-personagem do que ele narra). Então, lembremos:

FATO X OPINIÃO

Fato é o acontecimento.

Opinião é o que se pensa sobre o fato, uma interpretação pessoal, o modo de cada um ver o fato.

*Muitas pessoas confundem **fato e opinião**. Devemos, portanto, observar as informações que nos chegam e perguntar-nos se são informações sobre o fato ou opiniões sobre ele.*

8. Na sua aventura de sair pedindo um enredo por aí, a personagem passa por grandes histórias com enredos, segundo o narrador. Relacione, na primeira coluna do quadro abaixo, cada enredo citado. Tente lembrar ou pesquise para chegar ao título de cada história e escreva-o, na segunda coluna, ao lado do enredo a que se refere. Seu Professor vai auxiliá-lo.

ENREDOS	TÍTULOS

9. No 11.º parágrafo, o narrador conta que “nossa história **correu mundo**”. Com que sentido ele usa a expressão em destaque?

10. Pelo que o narrador conta, no 11.º parágrafo, “nossa história”, ao correr mundo, passou por muitas experiências, viveu uma grande aventura e, sendo o personagem quem é, entendemos que ela viajou por um mundo especial. Que mundo é esse?

11. No parágrafo seguinte (12.º). “nossa história”, depois de “correr mundo”, volta ao “ponto de partida” e “já era uma velha história”.

Leia, com atenção, o parágrafo, reflita e responda: Dentro do mundo em que a personagem vivia, a que tempo ela voltou?

12. Que expressão do início do conto repete-se no final e lembra a tradição oral dos contadores de histórias?

13. **Viu só? “Nossa história” acabou ganhando um enredo!** Agora, com os elementos da narrativa, complete:

SITUAÇÃO INICIAL	
COMPLICAÇÃO (conflito gerador)	
CLÍMAX	
DESFECHO	

14. Você observou que a fala final da personagem repete a situação inicial da história narrada? Por essa repetição, podemos entender que a história que não tinha enredo não morreu. Qual foi o destino da “nossa história”?

Que resposta você daria à pergunta que “nossa história” faz no final do conto?

15. Observe o seguinte trecho do conto “Já era uma vez”:

Um dia, nossa história decidiu, “vou sair pelo mundo e vou encontrar um enredo, custe o que custar.”

Reescreva-o, substituindo o discurso direto pelo discurso indireto.

16. Com base na história que você leu e nas respostas que deu às questões propostas, explique o jogo de palavras que há no título da história “Já era uma vez”.

Leia, com atenção, cada um dos textos abaixo.



16. Transcreva da capa da revista e do cartaz de propaganda, as expressões da linguagem coloquial e da representação escrita de uma variante da fala.

Viu só, querida história, nada de já era! Você já é! Demorô.

Produção de texto

Viu para o que serve uma história sem enredo?

Sabemos que, na tradição oral, as histórias vão sendo conhecidas porque são contadas no “boca a boca”, alguém conta para alguém que conta para alguém... E assim vai.

Você pode reparar que, nessa forma de transmissão de histórias, muitas vezes as pessoas começam assim: Você conhece aquela do ...?

Assim, a gente vai conhecendo, por exemplo, aquela da moça que encontrou uma pérola num pacote de açúcar, aquela da história que não tinha enredo...

Acontece, às vezes, de uma pessoa nos contar o final e a coisa perder um pouco a graça, não é mesmo?

Por exemplo:

Você conhece aquela da história que começava pelo final e ninguém queria saber de ouvir ou de ler mais nada? A história foi ficando aborrecida, começou a se sacudir de raiva. Sacudiu-se tanto que as letras se embaralharam e... Não, vamos parar! Não queremos saber já o final. E temos um amigo que vai nos contar direitinho essa história toda, com começo, meio e fim. **Esse amigo é você!**

Organize-se. Faça o planejamento da história (retome, para isso, o quadro que lhe apresentamos no caderno do bimestre passado). Planejada a sua história, use rascunhos à vontade, peça ajuda a seu(sua) Professor(a). A **situação inicial** você já tem. Pense em como ela vai se desenvolver, pense na **complicação**, no **clímax** e no **desfecho**. Pense que ela pode ter outros personagens. Elabore seu plano, rascunhe o necessário, até chegar à história que você vai nos contar aqui, agora!

Como já sugerimos uma situação inicial, vamos deixá-la escrita aqui, para você continuar, criar e escrever todo o desenvolvimento até chegar ao desfecho. Ah, o título também é com você; não se esqueça!

Asas à imaginação, mãos à obra, que queremos conhecer mais essa história!



Era uma vez uma história que começava pelo final. O leitor lia aquele final e a deixava de lado, sem querer saber como a história tinha começado e se desenvolvido, até chegar àquele desfecho. A história começou a ficar muito aborrecida em ser abandonada assim e resolveu que desse jeito a situação não podia continuar.

Um dia, estava ela diante dos olhos de um leitor, já pronta para ser abandonada, quando começou a se sacudir de raiva até fazer as letras se embaralharem e _____

Imaginar e fingir através da arte é usar a inteligência para entender e expressar uma emoção, um sentimento... É sentir outra vez com a **imaginação** o que foi vivido, para transformá-lo em arte. Um poema, por exemplo, é a forma com que o poeta se expressa, pela arte das palavras escritas, para representar, “fingir” uma emoção, um sentimento, uma vivência.

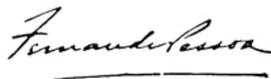
Você vai ler a seguir dois poemas de Fernando Pessoa, um mestre nessa arte de fingir (tanto que chegou a fingir-se em vários outros poetas que ele mesmo criou!).

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração



PESSOA, Fernando. *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Isto

Dizem que finjo ou minto
Tudo o que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé.
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

PESSOA, Fernando. *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.



Observe que o TEMA (assunto principal) comum aos dois poemas é o **fingimento poético**. Parece um pouco complicado entender a ideia do **fingimento poético**, não é? Mas vamos tentar descomplicar, lendo e relacionando os dois poemas. Depois, lendo separadamente o primeiro. Afinal, o que faz de nós bons leitores, bons receptores de mensagens, poéticas ou não, é enfrentar o desafio de decifrar os “fingimentos”, poéticos ou não.

Saiba mais...

Fernando Pessoa (1888 – 1935) – É considerado um dos maiores poetas da Língua Portuguesa e da literatura universal. Para escrever sua obra poética, desdobrou-se em múltiplas e diferentes personalidades, **fingiu-se** outras pessoas. Além do poeta Fernando Pessoa (ele mesmo), temos Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares, Alberto Caeiro, entre outros, todos **heterônimos** de Fernando Pessoa, ou seja, poetas imaginados e criados por ele para expressar a multiplicidade de sua alma poética.



*Se o poeta é um fingidor,
o poema é um fingimento... E cabe ao
leitor decifrá-los.*

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que **deveras** sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não **as duas** que ele teve,
Mas só **a que** eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração

PESSOA, Fernando. *Obra poética*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Entendendo o título “Autopsicografia” – formada por **auto-** (próprio, de si mesmo), **-psico-** (relativo à alma, ao espírito, à mente) e **-grafia** (escrita, modo de escrever), a palavra “autopsicografia” faz referência a uma escrita da própria alma, um modo de descrever o que se passa na mente de quem escreve.

1. Para entender melhor esses elementos formadores da palavra, pesquise em dicionário e dê o significado das seguintes palavras, que também contêm elementos encontrados no título do poema:

autorretrato - _____

psicologia - _____

caligrafia - _____

PRIMEIRA ESTROFE

1. Como o eu poético define o poeta? _____

2. Segundo o eu poético, o poeta finge, nos poemas, de modo completo. Transcreva da 1.ª estrofe os versos que expressam a consequência desse modo de fingir do poeta.

3. Observe a palavra em destaque no último verso da estrofe e responda: O que significa a dor que **deveras** sente?

SEGUNDA ESTROFE

4. A quem o eu poético se refere no 1.º verso da estrofe? _____

5. Observe as palavras destacadas na 2ª estrofe e responda: a que dores o eu poético se refere?

as duas: _____

a que : _____

Observe! Na **TERCEIRA ESTROFE**, aparecem duas expressões usadas em Portugal: “**calhas de roda**” e “**comboio de corda**”, que devemos entender como partes de um brinquedo, como um desses carrinhos ou trenzinhos a que a gente dá corda e ele fica girando sobre trilhos.

TERCEIRA ESTROFE

No caderno anterior, você estudou que a **metáfora** é um recurso de linguagem em que uma palavra ou expressão é usada no lugar de outra por uma relação de semelhança que quem escreve a metáfora estabelece.

6. Que **metáfora** ocorre nos dois últimos versos? Que relação de semelhança ela estabelece?

“Sentir? Sinta quem lê!” (Fernando Pessoa, no verso final de seu poema “Isto”).

Leia, a seguir, um poema e uma letra de canção, ou seja, “fingimentos” poéticos que têm a imagem da **onda** como motivo. Leia e sinta.

A onda

A ONDA
a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

1. Qual é o tema do poema?

2. Que recursos de linguagem foram usados para “fingir”, no poema, o movimento da onda?



sftec.org.br

Como uma onda

Composição de Lulu Santos e Nelson Motta

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como o mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo
Não adianta fugir
Nem mentir
Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar...

<http://letras.mus.br/lulu-santos/47132/>

1. Qual é o tema da letra da canção? _____

2. A imagem do movimento das ondas foi usada como elemento de comparação, por uma relação de semelhança com outra coisa. Que semelhança se estabelece na letra da canção?

3. Em que partes da letra da canção se expressa essa comparação? Transcreva-as, destacando o vocábulo que estabelece comparação. _____

4. Que recursos, na letra da canção, reforçam a continuidade do movimento da vida?

Vamos, agora, ler e imaginar... sentir o vento...

Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

O vento varria as luzes,
O vento varria as músicas,
O vento varria os aromas...

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De aromas, de estrelas, de cânticos.

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!

E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

1. A partir do **título** do poema, percebe-se que o eu poético vai estabelecer uma relação. Que relação é essa?

2. Como estão estruturados os versos e as estrofes do poema?

3. De acordo com a estrutura do poema, percebe-se que ele é constituído de **4 partes de duas estrofes cada uma**. Que recurso poético permite perceber essas partes? Que **aparente contradição** se estabelece nesses pares de estrofes?

4. A partir de que relação de semelhança pode-se afirmar que ocorre, no poema, uma **metáfora** entre vento e tempo?

5. Que expressão se repete nas **estrofes pares** (2.^a, 4.^a, 6.^a e 8.^a estrofes) para significar algo que vai ocorrendo, gradativamente, ao longo de um tempo ou à medida da ação do vento/tempo?

6. Observe que, entre as duas primeiras estrofes, ocorre uma **inversão na gradação** entre o que o vento varria e o que ficava na vida (folhas, frutos, flores – frutos, flores, folhas). Identifique as seguintes ocorrências nos demais pares de estrofes.

a) Na 4.^a estrofe, “estrelas” e “cânticos” correspondem às ideias de _____ e _____, expressas na estrofe anterior.

b) Na 6.^a estrofe, “afetos” inclui _____ e _____, expressos na estrofe anterior.

c) Na 7.^a e na 8.^a estrofe, a palavra que resume o que o vento varria e o que ficava na vida é _____.

7. Que vocábulos do poema permitem perceber que o eu poético fala de uma situação passada?

O VENTO

Queria transformar o vento.

Dar ao vento uma forma concreta e apta a foto.

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz.

Quando se disse que o vento empurrava a canoa do índio para o barranco

Imaginei um vento pintado de urucum a empurrar a canoa do índio para o barranco.

Mas essa imagem me pareceu imprecisa ainda.

Estava quase a desistir quando me lembrei do menino montado no cavalo do vento – que lera em

Shakespeare(*).

Imaginei as crinas soltas do vento a disparar pelos prados com o menino.

Fotografei aquele vento de crinas soltas.

BARROS, Manoel de. *Ensaios Fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

(*O “menino montado no cavalo do vento” é uma referência ao drama teatral Romeu e Julieta, de Shakespeare.



asiangens.com

1. O eu poético expressa um desejo que tinha em relação ao vento. Que desejo era esse?

2. Qual a função das reticências, no verso 4?

3. Que comparação o eu poético faz nos versos 5/6? Destaque o termo que estabelece a COMPARAÇÃO.

4. Que relação o eu poético estabelece ao imaginar “um vento pintado de urucum” (verso 9)?

5. Transcreva do poema o verso que expressa uma **opinião** do eu poético sobre algo que ele imaginou.

6. Os três versos finais do poema permitem entender que o eu poético realizou, poeticamente, seu desejo de transformar o vento.

a) A partir de que lembrança ele conseguiu isso?

b) Em sua imaginação, o eu poético transformou o vento em quê?

c) Com que sentido foi usada a forma verbal “Fotografei”, no verso final?

7. Relacionando o poema ao primeiro texto apresentado neste caderno, pode-se entender que seu TEMA é

PRODUÇÃO DE TEXTO – Leia a crônica a seguir:

O leitor ideal

O leitor ideal para o cronista seria aquele a quem bastasse uma frase.

Uma frase? Que digo? Uma palavra!

O cronista escolheria a palavra do dia: “Árvore”, por exemplo, ou “Menina”.

Escreveria essa palavra bem no meio da página, com espaço em branco para todos os lados, como um campo aberto aos devaneios do leitor.

Imaginem só uma meninazinha solta no meio da página
Sem mais nada.

Até sem nome.

Sem cor de vestido nem de olhos.

Sem se saber para onde ia...

Que mundo de sugestões e de poesia para o leitor!

E que cúmulo de arte a crônica! Pois bem sabeis que arte é sugestão...

E se o leitor nada conseguisse tirar dessa obra-prima, poderia o autor alegar, cavilosamente, que a culpa não era do cronista.

Mas nem tudo estaria perdido para esse hipotético leitor fracassado, porque ele teria sempre à sua disposição, na página, um considerável espaço em branco para tomar os seus apontamentos, fazer os seus cálculos ou a sua fezinha...

Em todo caso, eu lhe dou de presente, hoje, a palavra “Ventania”. Serve?

MARIO, Quintana. *Porta giratória*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1988.

Glossário:

cavilosamente – manhosamente, astuciosamente;

hipotético – possível, suposto, baseado em suposição.

Em todo caso...

A crônica fala sobre a **imaginação criativa** necessária ao leitor de um texto. Cabe ao leitor também sentir com a imaginação, usar sua sensibilidade para **ver**, através da arte das palavras, **além do que se mostra**.

A exemplo do cronista, deixamos, de presente para você, “no meio de uma página”, uma palavra. Imagine, crie a partir dela um poema, ou um desenho, ou uma pequena crônica... Você pode usar uma outra folha para produzir seu trabalho e depois anexar a este caderno o produto de sua **imaginação!**

Vamos lá!

S o l

Solar

Composição de Milton Nascimento e Fernando Brant

Venho do sol
A vida inteira no sol
Sou filha da terra do sol
Hoje escuro
O meu futuro é luz e calor
De um novo mundo eu sou
E o mundo novo será mais claro
Mas é no velho que eu procuro
O jeito mais sábio de usar
A força que o sol me dá
Canto o que eu quero viver
É o sol
Somos crianças ao sol
A aprender a viver e a sonhar
E o sonho é belo
Pois tudo ainda faremos
Nada está no lugar
Tudo está por pensar
Tudo está por criar
Saí de casa para ver outro mundo, conheci
Fiz mil amigos na cidade de lá
Amigo é o melhor lugar
Mas me lembrei do nosso inverno azul
Eu quero é viver o sol
É triste ter pouco sol
É triste não ter o azul todo o dia
A nos alegrar
Nossa energia solar
Irá nos iluminar
O caminho

Para ouvir a bela canção: <http://youtu.be/PB5LdtO5pV0> ou <http://youtu.be/uE528yAro9>

http://gartic.uol.com.br/alkarion/desenho-livre/_1294119815



Vamos ao teatro?

“Teatro é uma espécie de fingimento.” – Maria Clara Machado, uma grande criadora do nosso teatro, fala sobre a aventura do teatro, sobre como fazer teatro e expressa algumas opiniões sobre sua arte. Leia o trecho a seguir:

A peça de teatro

As histórias passadas no teatro são chamadas peças de teatro e o lugar onde se passam essas histórias chama-se palco.

Para haver teatro é preciso uma história, alguns atores para representar e um palco.

O palco pode ser daqueles que se veem comumente nos teatros com cortina e cenários e pode ser também qualquer lugar onde haja espaço para se representar. Uma sala grande ou um tablado armado no meio de um terreno, tudo isto pode servir para se representar uma peça.

Como é que se começa a fazer uma peça de teatro?

Depois que ela foi escrita pelo dramaturgo (escritor de peças de teatro), o diretor da peça reúne os atores para distribuir os papéis. Aí começa um trabalho muito difícil. É o estudo da história pelo diretor e pelos atores para se entender o que a história quer contar [...] a significação de tudo.

[...] ele (*o diretor*) tem mais experiência que os atores e procura descobrir por que um personagem (personagem são as pessoas da peça) faz isto ou aquilo. Por exemplo, se um personagem chamado João diz para a sua irmã que se chama Maria “Vamos fugir de casa”, o diretor e os atores têm que descobrir se João está brincando, se está falando sério, se quer mesmo fugir... Só depois de descobrir estas coisas é que os atores começam a se movimentar. Depois de estudar o texto, então eles vão para o palco.

A marcação

Primeiro, ainda com o papel na mão, porque o texto ainda não está bem decorado, os atores começam a descobrir os lugares por onde terão de se movimentar e o diretor vai dando as sugestões de acordo com a história. Por exemplo: se João e Maria estão fazendo uma cena juntos (contracenando), o diretor procura a melhor maneira de mostrar ao público o que eles estão sentindo. O diretor diz:

– Maria, ande até a direita e fique de costas esperando a chegada de João. É preciso que você finja que não sabe que ele vai chegar.

Por que fingir?

Porque teatro é uma espécie de fingimento.

MACHADO, Maria Clara. *A aventura do teatro*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1988.

1. Qual é a finalidade do texto?

2. Para a autora, quais são os elementos básicos para que haja teatro?

3. Transcreva do texto o trecho que revela a **opinião** da autora sobre

a) o momento de estudar a peça.

b) o que é teatro.



freashvectors.com

Dupla de máscaras – símbolo do teatro. Você conhece o significado? Se não conhece, observe e imagine. Mais à frente, leremos um pequeno texto sobre elas.

HISTÓRIA DE TEATRO - No conto a seguir, você verá como uma notícia de jornal pode ativar nossa imaginação criativa e nos levar a inventar histórias: histórias como a que você vai ler agora, que tem ratos como personagens, ratos que são atores-cantores e que interpretam personagens de um texto teatral – a ópera – que aparece como uma história dentro da história...

A ópera dos camundongos

Camundongo pode cantar, afirma estudo. Os camundongos machos se põem a vocalizar quando as fêmeas estão presentes. Emitem melodias relativamente complexas, que parecem variar de indivíduo para indivíduo. (Folha de São Paulo)

Tão logo se constatou a surpreendente habilidade dos roedores, foi organizada – mediante a colaboração de cientistas e músicos – uma espécie de companhia lírica, formada só de ratos de laboratório. E o espetáculo que apresentam tem feito sucesso no mundo inteiro. O mesmo sucesso que faziam Mickey e Minnie nos velhos tempos.

Trata-se de uma ópera em três atos. Depois da abertura, surge no pequeno palco o personagem principal, o jovem Pancrácio, vivido por um elegante camundongo branco. Pancrácio entoa a bela ária “Por um pedaço de queijo”. O título, aliás, é um pouco enganador; pensamos que o jovem está atrás do alimento classicamente preferido pela rataria, mas o que em verdade ele nos diz é que “...Não há queijo, por maior que seja seu calórico valor/ que possa ser comparado/ às delícias do amor.” Pancrácio está apaixonado por Lucinda, uma linda e meiga ratinha, que corresponde por inteiro à sua paixão: do balcão do palácio, ela responde com a canção “O focinho do meu amado é a imagem da beleza.”

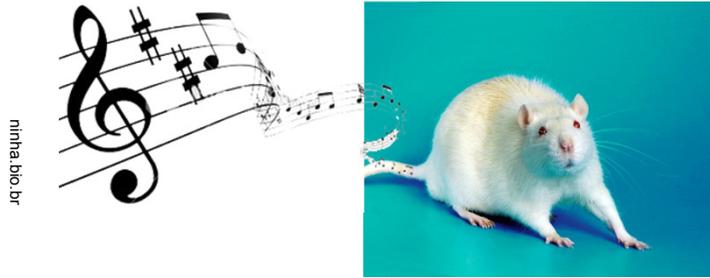
Esse romance, porém, encontra um obstáculo. Dom Ratone, o tirânico pai de Lucinda, não gosta de Pancrácio, que é de origem humilde. Quer que a filha se case com alguém da mais alta estirpe murina; para isso, contudo, é preciso acabar com a paixão dos jovens. Dom Ratone chama seus asseclas e determina-lhes que espalhem ratoeiras ao redor do palácio, para assim capturar aquele que considera como intruso. O feitiço vira contra o feiticeiro. Inadvertidamente, o próprio Dom Ratone cai em uma das armadilhas. Ali corre risco de vida, porque os camponeses da região estão determinados a exterminá-lo: Dom Ratone é um conhecido assaltante de celeiros. Um homem o avista, e corre em direção à ratoeira para liquidar o bicho – mas, no último momento, Pancrácio aparece e consegue salvar o pai de sua amada. Arrepentido, Dom Ratone concede-lhe a mão (ou a pata, melhor dizendo) de sua filha e a ópera termina com o belo coral “Como é belo o amor dos camundongos”.

Como foi dito, o espetáculo tem atraído enorme público. Mas há um problema: cada vez que aparece um gato na plateia, a companhia lírica inteira desaparece do palco. E aí o jeito é devolver os ingressos para o público.

SCLIAR, Moacyr. *Deu no jornal*. Erechim, RS: Edelbra, 2008.

Glossário

COMPANHIA LÍRICA – grupo formado por artistas de teatro (atores e atrizes) que encenam peças teatrais musicais, como as óperas. **ÓPERA** (em italiano significa trabalho, em latim é obra) é um gênero artístico teatral que consiste em um **drama encenado, acompanhado de música**, ou seja, composição dramática em que se combinam música instrumental e canto. O texto da ópera (conhecido como **libreto**) é normalmente cantado em lugar de ser falado. A ópera é também o casamento perfeito entre a música e o teatro. **ÁRIA** – canção. Composição musical (ou lírica) feita para ser cantada por um único personagem. **CORAL** – É quando a canção da peça é cantada em “coro” pelo conjunto de atores (personagens) que estão em cena. **ESTIRPE**: conjunto das gerações anteriores de um indivíduo ou de uma família. **ASSECLAS**: indivíduos que seguem partido, ideias. **MURINA** – relativo a ratos; que está relacionado à espécie dos ratos.



1. A partir de que notícia a história foi imaginada?

2. Que **expressão de tempo**, no 1.º parágrafo, informa que uma companhia teatral de ratos de laboratório foi criada **logo assim que** a ciência descobriu nos roedores a habilidade para o canto?

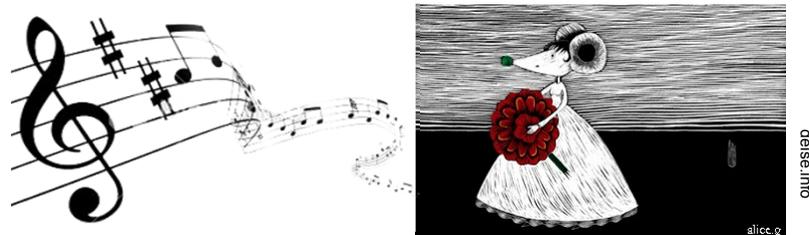
3. Por que o sucesso da companhia lírica de ratos leva o narrador a lembrar-se de Mickey e Minnie?

4. Qual é o personagem principal da ópera, cuja história é contada dentro da história dos ratos cantores?

5. Como é o ator que interpreta o personagem principal?

6. Quais são os personagens secundários e como o narrador os caracteriza?

7. Que outros personagens também participam?



8. No quadro abaixo, identifique os elementos que constroem o enredo da ópera que é contada dentro dessa história.

SITUAÇÃO INICIAL	
COMPLICAÇÃO ou CONFLITO GERADOR	
CLÍMAX (situação de maior tensão)	
DESFECHO	

9. Que função têm as aspas, utilizadas em alguns trechos da narrativa?

10. De acordo com a história narrada dentro da história, diga o significado que têm, no 3.º parágrafo:

a) “alguém da mais alta estirpe murina” - _____

b) “asseclas” - _____

11. No 3.º parágrafo, o narrador cita um dito bem popular: “O feitiço virou contra o feiticeiro”. Que situação o leva a dizer isso?

12. De acordo com o último parágrafo, o que causa o problema que obriga a companhia a devolver o dinheiro do ingresso ao público? Por quê?

13. Trata-se de um conto de humor, com vários momentos bem engraçados. O que, ao longo do conto, provoca efeitos de humor?

Vamos ao teatro?



Você acabou de ler um conto que possui, dentro de sua narrativa, a história que é contada em uma ópera. A ópera é um espetáculo artístico-teatral, encenado através de canções que contam uma história. O texto que narra a história a ser encenada em uma ópera é o **libreto**, um texto de teatro. O **TEXTO DE TEATRO** tem características próprias, voltadas para a **encenação**. Você vai saber, a seguir, o que é o texto teatral e suas características.

O **TEXTO DE TEATRO** é um texto de base narrativa, com os elementos básicos do conto ou do romance: **narrador, personagens, enredo, espaço e tempo**.

A estrutura do texto de teatro é diferente da de um conto ou de um romance, mas contém também uma **situação inicial, um conflito gerador, um clímax e um desfecho**.

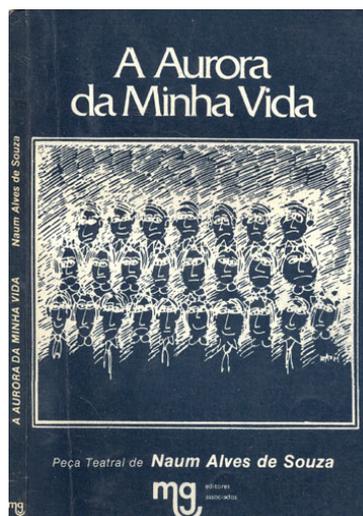
No texto de teatro, quase sempre **abre-se mão da figura do narrador**, sendo todo o enredo desenvolvido através de diálogos entre os personagens.

É um texto voltado para a **oralidade**, ou seja, para ser falado, representado em um palco. Neste caderno, você vai conhecer um pouco as características básicas de um texto de teatro.

Você já assistiu a uma peça de teatro? Já participou de apresentações teatrais? Sua escola costuma realizar eventos desse tipo? A encenação teatral é um momento mágico para quem dela participa, seja atuando, seja como espectador. E pensar que toda essa magia resulta de um texto escrito... Você já teve oportunidade de ver/ler um texto teatral escrito? Então, prepare-se.

Depois do terceiro sinal... A peça vai começar!

Pelo título, você consegue imaginar qual é o assunto da peça? O título faz referência a um antigo e muito conhecido poema da nossa literatura. **Mais à frente você ficará sabendo qual é.**



Como será?

Agora, você vai seguir o **Bufão** aí ao lado, para descobrir um pouco do segredo da magia do teatro.





Atenção! O espetáculo já vai começar, mas antes ...

Antes de ler um trecho do 1.º Ato de “Aurora da minha vida”, leia, com atenção, o quadro abaixo, com alguns elementos característicos do texto de teatro, que você deverá observar, tanto ao ler como ao produzir textos desse tipo.

Elementos característicos da estrutura e da linguagem do texto teatral escrito

- **Prólogo** – é a parte, anterior ao início da peça propriamente dita, em que se enuncia o tema da peça. Nem todos os textos de teatro apresentam o prólogo.
 - **Atos e cenas (ou quadros)** – como já vimos, o texto teatral é uma narrativa como o conto, a novela e o romance, com situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Só que, no texto de teatro, o enredo se desenvolve através de diálogos, estruturados em ATOS E CENAS (OU QUADROS).
 - **Narrador** – o texto teatral é um texto narrativo que, quase sempre, dispensa a figura do narrador, com a história nos sendo contada através do diálogo entre os personagens, ou “mostrada” através da encenação de atores que representarão os personagens.
 - **Diálogo** – o diálogo constitui-se em elemento determinante da ação dramática.
 - **Elementos cênicos** – o texto teatral encenado exige elementos como cenário, luz, figurino, maquiagem, gestos, movimento, tom dos diálogos e das falas, estados emocionais etc. Esses elementos aparecem indicados nos **indicadores de cena ou rubricas**.
 - **Indicador de cena ou rubrica** – no texto teatral escrito, os elementos cênicos estão presentes nos indicadores de cena ou rubricas, que aparecem em letras de tipos diferentes, em *itálico*, por exemplo.
- Personagens** – no texto teatral escrito, os personagens que participam da trama aparecem indicados logo após o título e antes do **Primeiro Ato**.
- Local e época** – indica-se também o local e a época em que transcorre a história narrada.
- Linguagem** – a linguagem usada pelos personagens deve ser coerente com a época, o local, o ambiente social. O registro escrito deve buscar representar as variantes históricas, regionais e sociais da língua falada.

Aurora da minha vida - Primeiro ato





O texto teatral que você vai ler é um trecho da cena inicial da peça “Aurora da minha vida”, de Naum Alves de Souza, escrita em 1981. A história se passa em uma escola e quase sempre na sala de aula de uma mesma turma.

Aurora da minha vida - Primeiro ato

Para assistir a uma cena de “Aurora da minha vida”, acesse <http://youtu.be/FUfByvBIG9Q>

1.º ATO

FINAL DO PRÓLOGO

(Escuro)

Um dos antigos alunos – Era uma vez a escola... Onde havia o diretor, a servente, o inspetor de alunos, a secretária, os professores. O prédio tinha as salas de aula, o corredor, o pátio, o banheiro, o barzinho, a secretaria, a diretoria. Na frente, havia uma placa simples, com uma frase: “Educa a criança no caminho que deve andar e dele nunca se desviará.” Ah! Eu ia me esquecendo. A escola era cheia de alunos, sendo educados no caminho que deveriam andar.

O VISITANTE E A VELHA PROFESSORA

(Um clima de certa irrealidade)

(Aparecem o visitante e a velha Professora. Sons fantasmagóricos de vozes de crianças recitando tabuadas, lendo. A Professora passa visto nos cadernos, carteira por carteira. Revela-se o visitante.)

Professora: Você estava com saudade?

Visitante: Eu não sei por que resolvi pensar na escola.

Professora: Não sabe, meu filho?

Visitante: Sabe como eu me lembro da escola? Às vezes como uma coisa boa, às vezes como um lugar onde eu estava sempre angustiado.

Professora: Você não gostava dos professores?

Visitante: Eu não sei se gostava mesmo ou se era um dever como o dever de gostar da pátria, da família. Acho que me contaram muita história mentirosa, que não correspondia à verdade.

Professora: Eu também não sabia toda a verdade das coisas. Muitas vezes a verdade não pode ser dita, é proibida. Há leis que proibem, você sabe.

Visitante: A gente não tinha liberdade para nada. Os professores decidiam a vida dos alunos, os diretores a dos professores e alguém, lá em cima, devia decidir a dos diretores.

Professora: Precisava haver ordem, disciplina.

Visitante: Sabe uma coisa que eu nunca pude falar? “Ontem eu faltei porque o dia estava muito bonito, o sol tão gostoso, que eu fiquei correndo e brincando. E a minha mãe não ficou brava e o meu pai não me bateu.” Não era nada bom ficar preso, com aquele calor, as moscas zumbindo, prestando atenção em coisas sem o menor interesse.

Professora: Mas nada tinha interesse?

Visitante: É que olhando a manhã pela janela, dava uma vontade de correr, brincar, subir em árvore, nadar em rio...

Professora: Pare, por favor.

(Sai o Visitante)

[...]

SOUZA, Naum Alves de. *A aurora da minha vida*. São Paulo: M.G. Ed. Associados, 1982.

1. Observe os trechos destacados entre parênteses e com tipo diferente de letra. São as **rubricas**, os indicadores de cena. Que **finalidade** têm no texto?

2. Observando esses trechos, transcreva deles palavras ou expressões que permitem entender que o Visitante que dialoga com a velha Professora pode ser fruto de sua imaginação, e que ela dialoga com seu passado, com o “fantasma” de suas recordações.

3. Que expressão da fala do personagem identificado como “Um dos antigos alunos” revela que ele funciona como um narrador da história, dentro da tradição da oralidade dos contadores de histórias?

4. Transcreva a fala do “visitante” em que ele revela um conflito entre os sentimentos trazidos pelas suas lembranças da escola.

5. Transcreva o trecho em que o personagem visitante expressa uma **opinião** sobre a atuação dos professores de sua antiga escola.

6. Como a Professora se justifica, diante da opinião do Visitante sobre a atuação dos professores?

7. Em uma de suas falas, o Visitante critica a falta de liberdade na escola.

a) Que motivo ele aponta para essa falta de liberdade?

b) Que fala do texto revela a falta de liberdade de decidir a própria vida?

8. Pelo título “Aurora da minha vida” e pela leitura desse 1º Ato, percebe-se que o tema da peça é

9. Que **consequências** teve para o visitante, na época em que era aluno, a falta de liberdade que ele sentia na escola?

10. Pense na fala final da Professora, “Pare, por favor.”. Que sentimento a personagem revela com esse pedido final ao Visitante?





Temas sugeridos para discussão em turma: A escola de antigamente e a escola de hoje. A escola que temos e a que queremos. Disciplina e liberdade. Liberdade e responsabilidade.

12. PRODUÇÃO DE TEXTO: Pense que há situações em que a ordem e a disciplina são aspectos positivos em uma escola. Complete o diálogo da seguinte cena, a partir das indicações (rubricas) entre parênteses.

(No pátio escolar, na hora do recreio. Um aluno, novo na escola, brinca sozinho com uma pesada bola de futebol, batendo-a e rebatendo-a com os pés em uma parede, no meio de todas as crianças. Sua brincadeira incomoda os demais alunos, que brincam ou conversam no pátio, já que, em alguns momentos, precisam se desviar da bola e do aluno, que corre para pegá-la. A Diretora o observa e decide que o aluno não pode continuar brincando daquela maneira).

Diretora – Pedro, sua brincadeira está atrapalhando o recreio de todos os colegas.

Pedro – Ué, quer dizer que eu não posso brincar nem na hora do recreio?!

Diretora: Pode, claro que pode... E deve! Mas procure brincar com os outros e de uma forma que não tire o direito de brincar ou de conversar de seus colegas.

Pedro:

Diretora: _____

(A Diretora se afasta e volta com dois alunos para junto de Pedro.)

Diretora: _____

Pedro: _____

Diretora: _____

(Pedro sai, todo animado, com os dois novos colegas, e vai bater bola com eles, na quadra da escola).



Você vai ler, agora, o poema que contém o verso a que o título da peça de Naum Alves de Souza faz referência. A essas referências que um texto faz a outro texto chamamos **INTERTEXTUALIDADE**.

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
— Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hino d'amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo.
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

Casimiro de Abreu (1839-1860)

ABREU, Casimiro de. *As Primaveras*. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A, coedição Instituto Nacional do Livro, 1972.

Saiba mais sobre a intertextualidade, visitando a Educopédia, 8.º ano – aulas 9 e 26.

1. Qual é o **tema** (ASSUNTO PRINCIPAL) do poema?

2. Transcreva da 4ª estrofe o verso em que o eu poético revela uma insatisfação com sua vida de adulto.

3. Relacione o poema ao trecho do texto de teatro lido anteriormente e estabeleça semelhança e diferença entre as recordações do eu poético e as do Visitante.

4. Que efeito de sentido tem a repetição da primeira estrofe, como última estrofe do poema?

5. Que parte do poema revela mais exatamente o momento de sua infância a que o eu poético se refere?

Agora, você vai ler mais um texto de teatro, com a atenção de sempre e com uma atenção especial aos **elementos característicos do gênero**.

Esta peça, que o autor chama ironicamente de **entreato** (intervalo entre os atos de uma peça de teatro, entre diferentes partes de um espetáculo) foi escrita em 1870, ainda em sua cidade natal, São Luiz do Maranhão, quando o autor tinha apenas 15 anos de idade, e é o **texto nacional mais representado de todos os tempos**.

Sinopse: O personagem Isaías, um velho de aparência não muito interessante, tenta conquistar a bela e interesseira viúva Inês. Tudo seria normal se não fosse o vício de Isaías, que Inês a princípio detesta, de falar quase que o tempo inteiro através de anexins, ou seja, ditados populares.

Estruturada em um ato único, com sete cenas. Você vai ler a CENA III, um diálogo entre Inês e Isaías, que acontece na sala da casa de Inês. Inês prepara-se para sair, mas encontra Isaías, que entrara sem ser visto e a aguarda.

Amor por anexins
de Artur Azevedo
Entreato cômico

Título da peça e nome do autor



Personagens

Isaías.....solteirão
Inês.....viúva
Um carteiro

Personagens

A cena se passa no Rio de Janeiro.
Época: atualidade.

Localização do espaço e do tempo em que transcorre a peça.



Continua...

Cena III -
Isaías e
Inês

Indicações de cena
ou rubricas.



Inês (*Vem pronta para sair, ao ver Isaías assusta-se e quer fugir.*) — Ai!

Isaías (*Embargando-lhe a passagem.*) — Ninguém deve correr sem ver de quê.

Inês — Que quer o senhor aqui?

Isaías — Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...

Inês (*Interrompendo-o .*) — Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!

Isaías — Não há carta sem resposta...

Inês (*Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água*) — Saia, quando não...

Isaías (*Impassível.*) — Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não hei de sair molhado à rua. Eh! Eh! Foi buscar lã e saiu tosquiada...

Inês — Eu grito!

Isaías — Não faça tal! Não seja tola, que quem o é para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Não exponha a sua boa reputação! Veja que sou um rapaz; a um rapaz nada fica mal...

Inês — O senhor, um rapaz?! O senhor é um velho muito idiota e muito impertinente!

Isaías — O diabo não é tão feio como se pinta...

Inês — É feio, é!...

Isaías — Quem o feio ama bonito lhe parece.

Inês — Amá-lo eu?! Nunca...

Isaías — Ninguém diga: desta água não beberei...

Inês — É abominável! Irra!

Isaías — Água mole em pedra dura, tanto dá...

Inês — Repugnante!

Isaías — Quem espera sempre alcança.

Inês — Desengane-se!

Isaías — O futuro a Deus pertence!

Inês — Há alguém que me estima deveras...



Continua...



Isaías — *(Naturalmente)* Esse alguém sou eu.
Inês — Isso era o que faltava! *(Suspirando.)* Esse alguém...
Isaías — Quem conta um conto, acrescenta um ponto...
Inês — Esse alguém é um moço tão bonito... de tão boas qualidades...
Isaías — Quem elogia a noiva...
Inês — O senhor forma com ele um verdadeiro contraste.
Isaías — Quem desdenha quer comprar...
Inês — Comprar! Um homem tão feio!...
Isaías — Feio no corpo, bonito na alma.
Inês *(Sentando-se.)* — Deus me livre de semelhante marido!
Isaías — Presunção e água benta cada qual toma a que quer... *(Senta-se também.)*
Inês *(Erguendo-se.)* — Ah, o senhor senta-se? Dispõe-se a ficar! Meu Deus, isto foi um mal que me entrou pela porta!
Isaías *(Sempre impassível.)* — Há males que vêm para bem.
Inês — Temo-la travada.
Isaías — Venha sentar-se a meu lado. *(Vendo que Inês senta-se longe dele.)* Se não quiser, vou eu... *(Dispõe-se a aproximar a cadeira.)*
Inês — Pois sim! Não se incomode! *(Faz-lhe a vontade.)* Não há remédio!

Você **sabia?**

Que há uma escola municipal com o nome de Artur Azevedo? Fica no bairro da Pavuna e tem obtido excelentes resultados tanto no IDEB, quanto na Prova Rio. A equipe da escola conta com excelentes alfabetizadores.

Isaías *(Chegando mais a cadeira.)* — O que não tem remédio remediado está.
Inês *(Afastando a sua.)* — O que mais deseja?
Isaías — Diga-me cá: o seu noivo? ... *(Faz-lhe uma cara.)*
Inês — Não entendo.
Isaías — Para bom entendedor meia palavra basta...
Inês — Mas o senhor nem meia palavra disse!
Isaías — Pergunto se... fala francês...
Inês — Como?
Isaías — Ora bolas! Quem é surdo não conversa!
Inês — Mas a que vem essa pergunta?
Isaías *(Naturalmente.)* — Quem pergunta quer saber.
Inês — Ora!
Isaías *(Sentencioso.)* — Dois sacos vazios não se podem ter de pé.
Inês — Essa teoria parece-se muito com o senhor.
Isaías — Por quê?
Inês — Porque já caducou também.
Isaías *(Formalizado.)* — Então eu já caduquei, menina? Isso é mentira.
Inês — É verdade.
Isaías — Não é.
Inês — É.
Isaías — Pois se é, nem todas as verdades se dizem. *(Ergue-se e passeia.)*
Inês — Ah! O senhor zanga-se? É porque quer; não me viesse dizer tolices! *(Ergue-se.)*
Isaías *(Interrompendo o seu passeio, solenemente.)* — Na casa em que não há pão, todos ralham, ninguém tem razão.
Inês — Ora! Somos ainda muito moços!
Isaías — Quem? Nós?
Inês *(De mau humor.)* — Não falo do senhor: falo dele...
Isaías — Ah! Fala dele...
Inês — Havemos de trabalhar um para o outro...
Isaías — É bom, é: Deus ajuda a quem trabalha.

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00040a.pdf>

Fonte do texto: AZEVEDO, Artur. *A capital federal, O badejo, A jóia, Amor por anexins*. [estabelecimento de texto: Prof. Antonio Martins de Araújo]. Rio de Janeiro: Ediouro. (Prestígio).

1. Da leitura de toda a cena, que característica se percebe no personagem Isaiás que justifica o título da peça e permite ao leitor deduzir o significado da palavra “anexins”?

2. Percebe-se que várias falas dos personagens se encerram com o sinal de reticências.

a) O que indica o uso desse sinal nas falas lidas?

b) Observe o diálogo entre os personagens e complete as seguintes falas do texto.

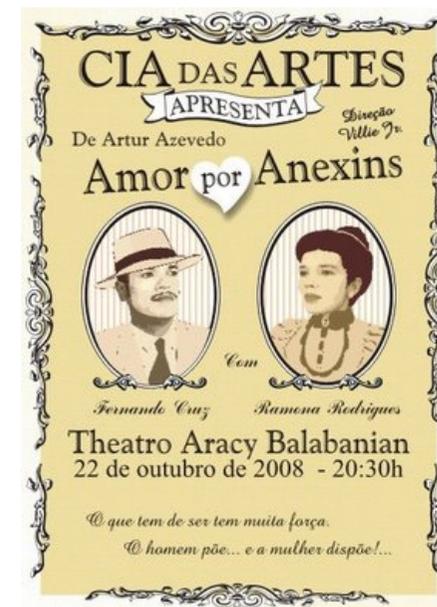
Isaiás – (...) cautela e caldo de galinha _____

Inês (*Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água*) — Saia, quando não, _____

Isaiás — Água mole em pedra dura, tanto dá _____

3. Que motivo levou Isaiás à casa de Inês?

4. A entrada de Isaiás na sala de Inês ocorreu por causa de um problema na porta da casa. Transcreva a fala da personagem Inês, que é uma explicação para o problema na porta.



livrosgratis.net



5. Entre os anexins (provérbios) citados por Isaías, transcreva três deles que contenham **antíteses** (figura de linguagem que consiste na aproximação de palavras com significados opostos).

6. Que função têm, no texto, os trechos entre parênteses e destacados com outro tipo de letra (*itálico*)?

7. Transcreva as falas do personagem Isaías (três provérbios - anexins) que ele usa com intenção de ser **irônico** com Inês.



Que tal combinar com o Professor e organizar, em turma, uma encenação dessa cena de “Amor por anexins”?



Em “Amor por anexins”, Artur Azevedo se utiliza do recurso da **INTERTEXTUALIDADE** (diálogo entre textos), ao fazer seu texto dialogar com o mundo dos provérbios populares.

Vamos ver, agora, como Chico Buarque – nosso grande compositor popular, também grande romancista e autor de textos teatrais – faz uso da **intertextualidade** e **tematiza**, em uma de suas mais belas canções, o assunto dos provérbios populares, os **anexins**.

Bom Conselho

Composição: Chico Buarque

Ouçã um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade.

letras.terra.com.br



oreconcaivo.com.br

Link para ouvir a canção “Bom conselho”:
<http://letras.terra.com.br/chico-buarque/85935/>

1. Logo, nos dois primeiros versos, percebe-se que o eu poético dirige-se a um interlocutor a quem ele pede que “Ouça um bom conselho/que eu **lhe** dou de graça”.

a) A quem se refere o pronome **lhe** em destaque?

b) Transcreva da letra o verso que revela que seu interlocutor é alguém com quem o eu poético mantém relação de amizade.

2. Observe que, no encadeamento de “bons conselhos”, o eu poético inverte os sentidos de conhecidos provérbios populares. Com que intenção ele faz isso?

3. A partir de que verso o eu poético começa a falar de sua forma pessoal de agir?

4. Liste os provérbios populares que você identifica nas inversões que o eu poético fez.



Você vai ler, a seguir, um trecho do 1º ATO de uma das peças teatrais mais aclamadas no Brasil: “O pagador de promessas”, de Dias Gomes. Leia, antes, um resumo da história narrada na peça.

SINOPSE - Uma tempestade derruba uma árvore e Nicolau, o burro, é atingido na cabeça por um dos galhos. Ele adocece e piora. Seu dono, desesperado, faz uma promessa a Iansã (Santa Bárbara). Nicolau se recupera e Zé, carregando uma pesada cruz de madeira por sete léguas, se dirige à cidade para pagar a promessa. Antes de o sol raiar, lá está ele e Rosa, sua esposa, defronte à Igreja de Santa Bárbara. Ao amanhecer, o padre Olavo se dirige até ele, ouve toda a história e lhe nega a permissão para adentrar na igreja com a cruz, impedindo-o de cumprir a promessa plenamente. (spacoacademico.com.br)

● pagador de promessas

Primeiro ato Primeiro quadro

Ao subir o pano, a cena está quase às escuras. Apenas um jato de luz, da direita, lança alguma claridade sobre o cenário. Após habituar a vista, o espectador identificará facilmente uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a plateia, subindo, [...] no perfil de velhos sobrados coloniais. Na esquina da rua da direita, vemos a fachada de uma igreja [...], com uma escadaria de quatro ou cinco degraus. Numa das esquinas da ladeira, do lado oposto, há uma vendola [...]; a outra esquina da ladeira é ocupada por um sobrado [...]. O calçamento da ladeira é irregular e na fachada dos sobrados veem-se alguns azulejos estragados pelo tempo. Enfim, é uma paisagem tipicamente baiana, da Bahia velha e colonial [...]

Devem ser, aproximadamente, quatro e meia da manhã. Tanto a igreja como a vendola estão com suas portas cerradas. Vem de longe o som dos atabaques dum candomblé distante. Decorrem alguns segundos até que Zé-do-Burro surja, pela rua da direita, carregando nas costas uma enorme e pesada cruz de madeira. A passos lentos, cansado, entra na praça, seguido de Rosa, sua mulher. Ele é um homem ainda moço, de 30 anos presumíveis, magro, de estatura média. Seu olhar é morto, contemplativo. Suas feições transmitem bondade, tolerância e há em seu rosto um “quê” de infantilidade. Seus gestos são lentos, preguiçosos, bem como sua maneira de falar. Tem barba de dois ou três dias e traja-se decentemente, embora sua roupa seja mal talhada e esteja amarrotada e suja de poeira. Rosa parece pouco ter de comum com ele. É uma bela mulher, embora seus traços sejam um tanto grosseiros, tal como suas maneiras. Ao contrário do marido, tem “sangue quente”. [...]

Zé-do-Burro vai até o centro da praça e aí pousa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.

O texto ao lado introduz as cenas do primeiro quadro da peça e traz as RUBRICAS necessárias para a encenação do texto narrativo. Observe como essas indicações cênicas ou rubricas, inseridas na narração, têm características diferentes das do texto narrativo, sendo uma parte descritiva, com características próprias da **descrição**. Nelas, descrevem-se o ambiente onde se passa a cena, características físicas e de comportamento dos personagens, seus gestos, sua movimentação...



1. Segundo as indicações cênicas, onde e quando ocorrem as primeiras cenas do primeiro quadro da peça “O pagador de promessas”? _____

2. Quem são os personagens dessa primeira cena?

3. Com suas palavras, caracterize física e psicologicamente cada um deles.

Zé-do-Burro: _____

Rosa : _____

4. Observe o trecho “... *uma pequena praça, onde desembocam duas ruas. Uma à direita, seguindo a linha da ribalta, outra à esquerda, ao fundo, de frente para a plateia...*”.

Pesquise no dicionário e diga o significado da palavra em destaque e com que sentido foi utilizada no trecho.

5. Qual é a finalidade dessa parte (**indicação cênica ou rubrica**), dentro de um texto de teatro?

6. **PRODUÇÃO DE TEXTO - Descrição** – Como você pôde observar, a **indicação cênica ou rubrica teatral** é um texto descritivo, no qual se descrevem ambientes, vestimentas, traços característicos de pessoas, objetos etc. Abaixo, você vai **produzir um pequeno texto com a descrição de um ambiente que lhe seja familiar**. Pode ser a sua sala de aula, a praça do seu bairro, a rua que vai dar na sua casa, o que você vê da janela do seu quarto etc. Mostre seu “veio poético”, se o desejar.





Depois das primeiras indicações cênicas, que você já leu, vem a cena propriamente dita. Vamos ler?

Zé — *(Olhando a igreja.)* É essa. Só pode ser essa. *(Rosa para, também, junto aos degraus, cansada, enfasiada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma.)*

Rosa — E agora? Está fechada.

Zé — É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

Rosa — Esperar? Aqui?

Zé — Não tem outro jeito.

Rosa — *(Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato.)* Estou com cada bolha d'água no pé que dá medo.

Zé — Eu também. *(Contorce-se num ríctus de dor. Despe uma das mangas do paletó.)* Acho que os meus ombros estão em carne viva.

Rosa — Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.

Zé — *(Convicto)* Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinha.

Rosa — Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

[...]

Zé — Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: — Ah, você é o Zé-do-Burro, aquele que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

Rosa — Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega?

Zé — Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. *(Ele sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição.)*

Rosa — Que é que você está procurando?

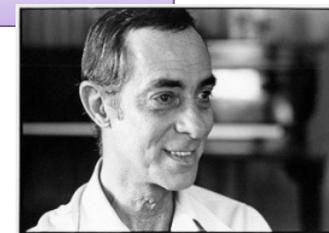
Zé — Qualquer coisa escrita... pra gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

Rosa — E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

Zé — É que pode não ser essa...

[...]

GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.



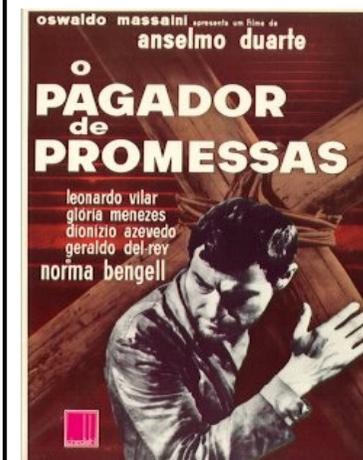
O autor



FIQUE LIGADO!!!

Saiba mais...

Essa peça teatral foi adaptada para o cinema, ou seja, virou filme. "O pagador de promessas" foi o primeiro filme brasileiro a vencer o importante Festival de Cannes, em 1962. Veja o cartaz, com o Zé do Burro carregando a cruz de sua promessa.





1. Em sua primeira fala, “É **essa**. Só pode ser **essa**.”, a que Zé-do-Burro está se referindo com o termo “**essa**”?

2. Além do cansaço, que outra consequência física teve para a Rosa o fato de ter acompanhado seu marido na caminhada para cumprir a promessa?

3. Em sua explicação sobre a necessidade de ser honesto “nesse negócio de milagres”, Zé usou as palavras e expressões destacadas abaixo. Reescreva os trechos, substituindo-as por outras com o mesmo sentido.

“Se a gente **embrulha** o santo...” – _____

“aquele que já me **passou a perna**” – _____

“Seu **caloteiro de uma figa!**” – _____

4. Transcreva a fala que revela que Rosa foi contra o Zé ter feito a promessa.

5. Zé procura qualquer coisa escrita na fachada da igreja, para confirmar se aquela se tratava mesmo da igreja de Santa Bárbara. Por que essa confirmação é importante para ele?

6. Usando o DISCURSO INDIRETO, reescreva o diálogo abaixo, contando ao leitor o que os personagens conversaram, ao encontrarem a igreja fechada.

“**Zé** — É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

Rosa — Esperar? Aqui?

Zé — Não tem outro jeito.”



Você vai ler, agora, um trecho de outro famoso texto de teatro que também fala de promessa. Vamos lá?



Auto da Compadecida

Este e outros livros de Ariano Suassuna podem ser encontrados na Sala de Leitura de sua escola.

RESUMO (resumo) – O texto trata das aventuras de dois amigos, Chicó e João Grilo. Eles vivem de pequenos trabalhos que conseguem aqui e ali e de pequenos, e quase inocentes, golpes que aplicam nas pessoas, em situações sempre muito engraçadas. São histórias, “causos” que Ariano Suassuna retirou de folhetos de autores anônimos e que foram preservados pela tradição da literatura de cordel nordestina. Numa dessas estripulias, João Grilo acaba morto em confronto com cangaceiros que invadiram a cidade. Ele vai para o “purgatório”. Após julgamento (Juízo Final), acaba recebendo de Nossa Senhora, a Compadecida do título, a graça de voltar à vida.

O trecho escolhido para sua leitura é do final desse belo texto de teatro. A cena ocorre depois que João Grilo “ressuscita” na frente de seu amigo Chicó.



CHICÓ (gritando desesperado) – Ai, meus Deus! Meu Deus, meu Deus! Burro, burro!
JOÃO GRILO – E por que essa gritaria, homem de Deus?
CHICÓ – Eu pensei que você tinha morrido, João!
JOÃO GRILO – E o que é que tem isso, homem?
CHICÓ – Tem que eu, pensando que não tinha mais jeito, fiz uma promessa a Nossa Senhora para dar todo o dinheiro a ela, se você escapasse!
[...]
JOÃO GRILO – Mas Chicó, como é que se faz uma promessa dessas?
CHICÓ – E eu sabia lá que você ia escapar, desgraça? Oh homem duro de morrer, meu Deus!
JOÃO GRILO – Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!
CHICÓ – Agora é tarde para me dizer isso.
JOÃO GRILO – Não terá sido a metade que você prometeu?
CHICÓ – Não, João, foi tudo.
JOÃO GRILO – Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!
CHICÓ – É, só reclama de mim! E você, por que achou de escapar?
JOÃO GRILO – Acho que foi de tanta vontade que eu estava de enriquecer. Não terá sido engano seu, Chicó?
CHICÓ – Não, João, tenho certeza absoluta: entrei na igreja, me ajoelhei e prometi.
JOÃO GRILO – Tudo?
CHICÓ – Tudo.
JOÃO GRILO – Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó.
CHICÓ – Mas já foi feita e o jeito é pagar.
JOÃO GRILO – Pagar?
CHICÓ – Sim.
JOÃO GRILO – Tudo?
CHICÓ – Tudo.
JOÃO GRILO – Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

Continua...



AUTO DA COMPADECIDA, de Ariano Suassuna, é uma peça clássica do teatro brasileiro. Escrita em 1955 e encenada, pela primeira vez, em 1957, teve outras inúmeras e bem-sucedidas encenações. Virou minissérie de televisão e ganhou uma bela versão para o cinema.

CHICÓ – Está certo, homem, estou tão desgostoso quanto você! Diabo de uma reclamação em cima da gente de minuto em minuto! É melhor deixar de conversa: vamos pagar o que se deve!

JOÃO GRILO – Vamos, não; vá você! Eu não prometi nada e metade do dinheiro é meu!

CHICÓ – É, mas acontece que quando eu prometi ele era todo meu, porque eu me considerava seu herdeiro.

JOÃO GRILO – Eu não tenho nada com isso, não prometi nada.

CHICÓ – Então fique com sua parte e assuma a responsabilidade. Eu vou entregar a minha.

JOÃO GRILO – Chicó!

CHICÓ – Que é?

JOÃO GRILO – Espere por mim que eu também vou.

CHICÓ – Vai?

JOÃO GRILO – Vou.

CHICÓ – Pois eu já estava convencido de que você estava certo.

JOÃO GRILO – É, mas faltou quem me convencesse. [...]

CHICÓ – Quer dizer que entrega?

JOÃO GRILO – Entrego. Palavra é palavra e depois estive pensando: quem sabe se a gente, depois de ficar rico, não ia terminar como o padeiro? Assim é melhor cumprir a promessa: com desgraça a gente já está acostumado e assim pelo menos não se fica com aquela cara.

CHICÓ – É mesmo.

JOÃO GRILO – Pois vamos. Mas de outra vez, veja o que promete, infeliz, porque essa, ah.

Promessa desgraçada, ah promessa sem jeito!

(Saem. Entra o Palhaço)

PALHAÇO – A história da Compadecida termina aqui. Para encerrá-la, nada melhor do que o verso com que acaba um dos romances populares em que ela se baseou:

“Meu verso acabou-se agora,

Minha história verdadeira.

Toda vez que eu canto ele,

Vêm dez mil-réis pra algibeira.

Hoje estou dando por cinco,

Talvez não ache quem queira.”

E se não há quem queira pagar, peço pelo menos uma recompensa que não custa nada e é sempre eficiente: seu aplauso.

Pano.

Recife, 24 de setembro de 1955.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2001.



oglobo.globo.com

23/07/2014 – “Pano”, em teatro, significa o fim da peça. Quando este caderno estava sendo elaborado, Ariano Suassuna adoeceu e acabou nos deixando, aos 87 anos. **Virou sol. Luz-farol, guia para a nossa imaginação.**



Bonita essa cena final, não é? Engraçada e bonita. E boa para se representar! Não é uma boa ideia, ensaiar com os colegas e representar para a sua turma? Procure assistir ao filme indicado na página seguinte e observe a variante regional nordestina falada pelos personagens. Combine isso com o seu/sua Professor/a. Antes, vamos estudar um pouco o texto.

1. Chicó não começa a cena, gritando daquele jeito, só porque pensava que João tivesse morrido. Qual foi, então, o motivo da sua gritaria?

2. Transcreva da 3.ª fala de Chicó o trecho que revela que ele fez a promessa em estado de desespero:

3. O fato de ter feito aquela promessa revela que sentimento de Chicó em relação a João?

4. Em vários momentos da cena, João repete a mesma fala:

“Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!”. Que efeito de sentido tem essa repetição?

5. Que fala de João revela que, de início, ele estava decidido a não usar a sua parte do dinheiro para pagar uma promessa que, no seu entender, era só de Chicó?

6. Com que argumento Chicó tenta convencê-lo de que a promessa envolvia todo o dinheiro?

7. Ao ouvir Chicó dizer “Então fique com sua parte e assuma a responsabilidade. Eu vou entregar a minha.”, João resolve voltar atrás e acompanhá-lo no pagamento da promessa. Que sentimento pode tê-lo feito pensar melhor?

8. Que fala do texto revela que a peça foi baseada em um romance popular, talvez da literatura de cordel?

9. A quem o Palhaço dirige sua fala final e que pedido faz?



Saiba mais!

Nesse seu "Auto da Compadecida", Ariano Suassuna recria, para o teatro, episódios registrados na tradição popular do cordel, unindo, com perfeição, a tradição da oralidade popular e a elaboração literária. Alguns episódios baseiam-se em textos anônimos da tradição popular nordestina. O **AUTO**, do título, ao mesmo tempo que significa ato público, solenidade, refere-se também ao teatro de gênero dramático da Idade Média.



O texto de Ariano Suassuna foi adaptado para a linguagem da TV, depois transposto para o cinema, e resultou em filme de grande sucesso, a que o diretor Guel Arraes deu também o título de "O Auto da Compadecida". Ao lado, o cartaz do filme.

Leia, abaixo, a sinopse (resumo) do filme.



Os amigos
Chicó e João Grilo

SINOPSE: No sertão da Paraíba, João Grilo e Chicó andam pelas ruas anunciando A Paixão de Cristo, "o filme mais arretado do mundo". A sessão é um sucesso, eles conseguem alguns trocados, mas a luta pela sobrevivência continua. Os dois amigos se empregam na padaria do avaro Padeiro e sua mulher, Dora, muito namorada. Os patrões os exploram e lhes concedem tratamento inferior aos animais da casa. Os dois veem uma chance de ganhar alguns trocados quando a cadelinha de estimação da mulher morre e os dois organizam um enterro de luxo, com missa rezada em latim e tudo – o que cria um conflito entre o padre e o bispo, assim como com o coronel Antonio Moraes. A chegada da bela Rosinha, filha do coronel, desperta a paixão de Chicó, e ciúmes do cabo Setenta. Os planos da dupla, que envolvem o casamento entre Chicó e Rosinha e a posse de uma porca de barro, recheada de dinheiro, são interrompidos pela chegada do cangaceiro Severino e a morte de João Grilo. Todos os mortos reencontram-se no Juízo Final, onde serão julgados no Tribunal das Almas pelo Juiz, um Jesus negro, e pelo diabo. O destino de cada um deles será decidido pela aparição de Nossa Senhora, a Compadecida, e traz um final surpreendente, principalmente para João Grilo. (Adaptado de www.kinodigital.ufba.br)

1. Um vocábulo que é marca da **variação regional do uso da língua**, muito comum na **linguagem informal** dos nordestinos, aparece na sinopse, no trecho "o filme mais arretado do mundo". Destaque o vocábulo e diga com que significado foi usado.

2. De acordo com a sinopse, explique o vocábulo "**Compadecida**", que aparece no título do Auto.



À esquerda, você vê o **símbolo do teatro**, apresentado tantas vezes neste caderno. São máscaras que representam a tragédia e a comédia, presentes nas narrativas teatrais, desde a Grécia Antiga. No teatro, a **comédia** é o que é engraçado, o que faz rir; é o uso do engraçado, do humor, nas situações do personagem. A **tragédia**, por sua vez, é uma forma de drama, envolvendo conflitos do personagem e tratados com a seriedade que o tema pede.

1. Observe, no símbolo do teatro, as figuras das máscaras. O que revela, em cada uma delas, aquilo que representam?

1. Que finalidade tem o cartaz ao lado?

2. Durante que período vigoraram os preços anunciados no cartaz?

3. O que representa a figura que aparece desenhada no cartaz?

A campanha “Teatro para todos” acontece todos os anos. Os ingressos podem ser comprados pela internet ou nos locais de venda, divulgados previamente.



Você vai ler, agora, a história de um rei muito vaidoso, adaptada de um famoso conto de Andersen, da antiga tradição dos contos de fadas.

A roupa nova do imperador

Havia, há muito tempo, um imperador muito vaidoso, que amava tanto os trajes elegantes, que gastava todo o seu dinheiro para mostrar-se sempre bem vestido. Não se preocupava com mais nada; sua única preocupação era exhibir-se em trajes novos.

Na cidade onde ficava o seu palácio, a vida era muito movimentada, sendo visitada por muitos estrangeiros. Um dia, chegaram dois homens que se diziam tecelões e fizeram espalhar a notícia de que sabiam tecer o mais estupendo tecido que se podia imaginar. As cores e o desenho eram de beleza excepcional, mas os trajes feitos com ele tinham a propriedade mágica de ser invisíveis a toda pessoa indigna do cargo que exercia, ou que fosse ilimitadamente imbecil.

O imperador, tão logo soube da novidade, entusiasmou-se. “Deve ser um traje maravilhoso. Além de lindos, vestindo-os poderei descobrir quais são os que, no reino, desempenham mal sua função e distinguir os inteligentes dos imbecis! Sim, tecei imediatamente para mim este tecido!”. E mandou entregar aos forasteiros grande quantidade de dinheiro, como adiantamento.

Os falsos tecelões montaram dois teares e fingiam trabalhar neles, sem fio algum a tecer. A seda mais fina e o ouro mais puro, que pediram para o trabalho, ficaram guardados num saco, enquanto fingiam trabalhar até altas horas da noite nos teares vazios. Todos na cidade souberam da virtude milagrosa do tal tecido e nela acreditaram, e cada um ardia de curiosidade de ver a incapacidade ou a tolice do vizinho.

Curioso, também, mas temendo a virtude do tecido, o imperador enviou o primeiro-ministro, seu mais velho, competente e confiável funcionário, para inspecionar o trabalho dos tecelões. “Ele saberá, melhor que qualquer outro, julgar o aspecto do tecido”, pensava.

O primeiro-ministro foi e, claro, nada viu. Temendo ser considerado um imbecil e incapaz para o alto cargo que exercia, ele nada disse; só arregalava os olhos e ouvia com atenção as palavras de maravilhas com que descreviam as qualidades do tecido que estavam tecendo e que o primeiro ministro fingia ver.

“Sim, repetirei tudo para o imperador e direi que o tal tecido é um deleite para os olhos.”, decidiu o velho, bom e competente primeiro-ministro. Certos da satisfação do imperador, os impostores só faziam pedir mais e mais dinheiro para a continuidade do trabalho. E continuaram a tecer até altas horas no tear vazio. A todo momento, o imperador mandava outros funcionários a ver como andava o trabalho e conferir as qualidades do tecido. A situação se repetia. Todos temiam se passar por imbecis e incompetentes e deitavam elogios sobre o tecido que “viram”. Na cidade só se falava no magnífico tecido. Tanto que o imperador decidiu ver a magnificência com seus próprios olhos...

E agora? O que vai acontecer? Imagine!

Continua...

Acompanhado de uma comitiva de pessoas, todas gozando de alta consideração no reino, foi o imperador ao local de trabalho da esperta dupla de vigaristas, Claro, nada pôde ver. Assim também como todas as pessoas da importante comitiva. “Que beleza! Que perfeição!”, exclamava o imperador. “Que beleza! Que perfeição!”, repetiam os da comitiva. Todos, inclusive o imperador, acreditavam no que todos viam e diziam. E todos só faziam fingir ver e repetir o que todos diziam. Tanto disseram ao imperador, que ele se convenceu a vestir-se com o novo traje para comparecer à procissão que estava para acontecer no reino, em poucos dias. Tão satisfeito mostrou-se o imperador, que condecorou os impostores com o título de nobres tecelões imperiais, e ainda deu-lhes mais ouro como recompensa.



Os impostores pediram ainda mais dinheiro para terminar logo o trabalho e, na véspera da procissão, fingiram trabalhar por toda a noite, até com velas acesas. Então, anunciaram que o traje estava pronto. O imperador, acompanhado de seus mais altos cortesãos, foi a eles para ver o traje, para vestir o traje para a procissão. “Queira Vossa Majestade ter a bondade de despir-se, para nós mesmos lhe vestirmos com seu novo traje, diante deste grande espelho.”, disseram os vigaristas. O imperador assim o fez e deixou-se vestir diante do espelho, observando todos os gestos teatrais que os impostores executavam, ao “vesti-lo”. Devidamente “vestido”, o imperador mirava-se e remirava-se no espelho. “Oh, que traje bem talhado! Como lhe cai bem! Que modelo! Que cores! Que tecido! Que leveza!, o imperador ouvia todos dizendo atrás de si. “Sim, estou pronto! Vamos.”, disse finalmente ao mestre de cerimônias da procissão, e ainda voltou a mirar-se mais uma vez no grande espelho, modo que ele achou de disfarçar que nada via vestido sobre seu corpo.

Os camareiros fingiram segurar a longa cauda do traje imperial, e assim seguiriam, acompanhando o imperador, durante o longo percurso em que ele, sob seu magnífico dossel, se exibiria para a multidão que se acotovelava nas ruas e nas janelas. Da multidão ouvia os elogios e os aplausos, vindos de todos os lados. E seguiu confiante, seguro de si, até que...

- Mas ele está sem roupa! – exclamou uma criança.
- Pelo céu! ouçam a voz da inocência! – disse seu pai.
- E todos puseram-se a sussurrar, um ao outro, as palavras da criança.
- Mas ele está sem roupa! Foi uma criança que disse, ele está nu!
- Ele está nu! – exclamou finalmente a multidão.

E um arrepio percorreu o imperador. Parecia-lhe que as pessoas tinham razão, mas refletiu: “Devo aguentar firme até o fim da procissão”. Endireitou-se altivamente e os camareiros o seguiram, segurando a cauda que não existia.

Alguns contos e fábulas de Andersen. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 1996

1. Por que se pode afirmar que o tecido produzido pelos dois tecelões não possuía qualquer propriedade mágica?

2. O que explica o fato de as pessoas fingirem ver o tecido e a roupa que não existiam?

3. No final da história, uma criança desmascara toda a farsa. Você concorda com a explicação de que só os olhos puros e ingênuos da criança conseguiram ver o que ninguém mais conseguiu? Justifique a sua resposta.

4. Observe, antes do desfecho da história, no 10º parágrafo, o trecho “E seguiu confiante, seguro de si, **até que...**”. Que efeito de sentido tem o uso da expressão em destaque, seguida das reticências?

5. Transcreva, do primeiro parágrafo, a expressão que indica que a história se deu num passado muito distante. Retire, também, as formas verbais que indicam as ações que se davam naquele distante passado.



6. Relembre o que já lhe foi apresentado em cadernos anteriores e no livro didático sobre regras básicas de **concordâncias verbal e nominal** e reescreva o trecho a seguir, imaginando “um homem” no lugar de “dois homens”, “tecidos” no lugar de “tecido”, fazendo as alterações necessárias.

“Um dia, chegaram dois homens que se diziam tecelões e fizeram espalhar a notícia de que sabiam tecer o mais estupendo tecido que se podia imaginar.”

Você sabia que esse conto de Andersen foi adaptado para o teatro, tendo sido encenado com grande sucesso? Leia o texto abaixo:

O alfaiate do Rei

Texto inédito de Maria Clara Machado, adaptação do conto de Hans Christian Andersen, "A roupa nova do imperador". Estreou no teatro Tablado em 2004, com direção de Cacá Mourthé. A peça ficou em cartaz por mais de um ano, com sucesso de público e crítica. (joaodefreitas.com)



A seguir, você vai ler o último trecho dessa **ADAPTAÇÃO** e observar como se faz a transposição da linguagem do conto para a linguagem teatral.



O alfaiate do Rei

Autora: Maria Clara Machado
Um ato e oito cenas

8.ª CENA

Cidade. Toca música solene: pompas e circunstâncias. O povo espera ansioso. Entra o Bobo. O Rei e a Rainha desfilam em sua biga, de guarda-chuva. Ministro e o Funcionário andam atrás. O povo, esfuziante, aplaude a nova roupa do Rei. (Comentários.)

MENINA *(ao passar o Rei)* – O rei está nu! Mamãe! Olha! Olha, mamãe!

O PAI E A MÃE – É mesmo! Ele está nu! A menina tem razão!

MULHER 2 – Deus fala pela boca das crianças. O Rei está nu! Olhem! Olhem! O Rei está nu! Olhem! Olhem! O Rei está nu! Olhem! Olhem!

(Todos do cortejo se entreolham sem graça.)

REI – Meu Deus! Que vergonha! Que vergonha! Eu estou nu, nu!

RAINHA – Nu.

REI – É verdade. A criança disse certo.

RAINHA – Disse certo.

(O Rei olha para todos, ergue a cabeça, endireita o corpo, respira fundo e, cheio de pose, recomeça a andar, dizendo:)

REI – Vou ter de fingir até o fim. Manter a dignidade diante do meu povo. Não vou dar o braço a torcer.

TUDO O CORTEJO – Temos que fingir até o fim. Manteremos a dignidade. Não vamos dar o braço a torcer.

(A procissão continua dizendo isto e andando enquanto o povo ri e aponta o cortejo. O povo canta e dança.)



POVO – O Rei está nu,
O Rei está nu,
Nuzinho! Nuzinho!
A verdade sempre aparece,
As coisas são como são,
A criança tem razão.
As coisas são o que vemos,
A criança tem razão.
Incompetentes em sua função,
O rei, a Rainha e cortesãos.
A criança tem razão.

(Em cima do instrumental e da dança o Bobo fala:)

BOBO – O Rei caiu no golpe dos espertos tecelões,
Que agora estão longe gastando os seus milhões.
Devem ter ido por esse mundo afora
Enganar outros tolos, sem demora.
Pois na vida há muita gente como a dessa cidade
Que mais importância dá à futilidade.
O rei teve a lição merecida,
Foi humilhado e não teve outra saída:
Aprender realmente a governar
E para o seu povo olhar.
Aqui me despeço, humilde e sagaz,
Pois sei que o teatro de tudo é capaz.
Um trapaceiro pode vencer,
Um rei pode aprender,
O Bobo pode sorrir
E a plateia se divertir.

(Voltam o canto e a dança.)

FIM

MACHADO, Maria Clara. *A bruxinha que era boa e outras peças*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009



A autora



1. Além da linguagem própria do texto de teatro, diferente da linguagem do conto, que outras diferenças você percebe na cena final do texto adaptado por Maria Clara Machado, comparado ao que você leu na cena final, narrada no conto de Andersen?

PRODUÇÃO DE TEXTO

Imagine que você precisa adaptar o conto de Andersen, para encenar em sua escola.

Como você faria essa adaptação, na cena em que o imperador vai, acompanhado de sua comitiva, ver, com os próprios olhos, a roupa que encomendara aos impostores tecelões (8.º parágrafo) ?

Imagine os diálogos que podem ter acontecido naquela situação e os escreva, em linguagem adequada. Você deve usar a estrutura e a linguagem características do texto de teatro – sem esquecer as indicações cênicas! Ah, e o título que você daria à sua adaptação.

Volte ao quadro dos elementos característicos do texto teatral escrito, apresentados neste caderno, além de reler os textos de teatro aqui estudados. Para ler outros textos, busque, na Sala de Leitura, livro com esse gênero textual. Isso vai ajudá-lo a escrever sua adaptação. Peça também ajuda a seu/sua Professor(a).

Planeje seu trabalho e use quantos rascunhos forem necessários. Pronta a adaptação, copie-a em seu caderno ou digite-a em um computador e anexe a este Caderno.

Após concluir seu trabalho, você pode convidar os seus colegas para ajudá-lo em outra tarefa: a de apresentar a cena, encenar a sua adaptação, sempre sob a coordenação de seu/sua Professor(a).

Imaginou como seria a adaptação? Então, mãos à obra.

uoco.oaofj:oaofjo



Bravo! Bravíssimo!

Vale a pena!

Assista à cena do monólogo “Ser ou não ser”, da peça teatral *Hamlet*, de Shakespeare.

<http://youtu.be/t8mmGg2k9F8>

ou em

http://youtu.be/NzfkYW_UbfA

Feliz Natal e um Ano Novo cheio de alegrias para todos!

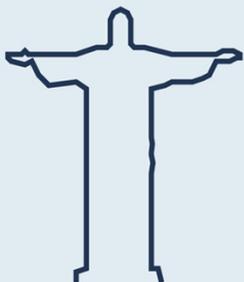


panoramio.com

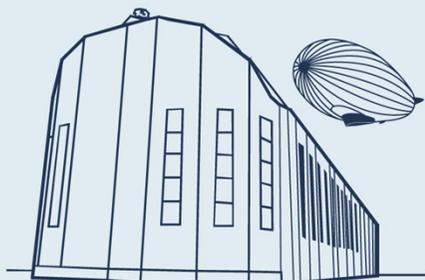




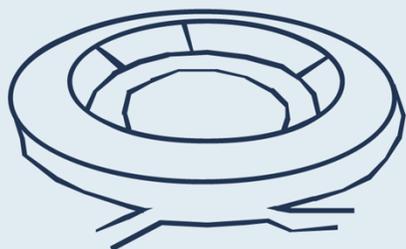
Pão de Açúcar



Cristo Redentor



Hangar do Zeppelin



Maracanã

Dicas de estudo

- Tenha um espaço próprio para estudar.
- O material deve estar em ordem, antes e depois das tarefas.
- Escolha um lugar para guardar o material adequadamente.
- Brinque, dance, jogue, pratique esporte... Movimente-se! Escolha hábitos saudáveis.
- Estabeleça horário para seus estudos.
- Colabore e auxilie seus colegas em suas dúvidas. Você também vai precisar deles.
- Crie o hábito de estudar todos os dias.
- Consulte o dicionário sempre que precisar.
- Participe das atividades propostas por sua escola.
- Esteja presente às aulas. A sequência e a continuidade do estudo são fundamentais para a sua aprendizagem.
- Tire suas dúvidas com o seu Professor ou mesmo com um colega.
- Respeite a si mesmo, a todos, a escola, a natureza... Invista em seu próprio desenvolvimento.

Valorize-se! Você é um estudante da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Ao usar seu uniforme, lembre-se de que existem muitas pessoas, principalmente seus familiares, trabalhando para que você se torne um aluno autônomo, crítico e solidário. Acreditamos em você!